



LUIZ MURAT

IMPRESA NACIONAL
M60 lib
BIBLIOTECA

LUIZ MURAT

POEMA



Sarah



*D.R.
869.1
M9725*

RIO DE JANEIRO

IMPRESA NACIONAL — 1902

mesma espontaneidade, pelo interesse superior que temos pelo homem, nas suas relações com o mundo, o advento propicio d'A CATHEDRAL. O nosso pensamento carece de uma forma mais ampla e completa. Do amor da mulher é preciso alçar-o á veneração dos grandes homens.

A estrella que este livro deseja conservar em toda a pureza do seu esplendor não póde ficar isolada em um firmamento tão vasto. A sua origem invoca outros episodios, outras allegorias, outros symbolos. A historia está cheia dessas figuras colossaes — E será entre ellas que encontraremos os heróes A CATHEDRAL.

Quer neste livro, quer no outro, que deve completal-o, tres cousas, a nosso ver, realisaremos, sem immodestia, e são: — a volta á natureza, o sentimento da igualdade humana e o sentimento puro do amor.

Era mister que nos desvelassemos na pintura da natureza para que os dous livros exprimissem melhor a fé e assignalasssem o proximo renovamento da arte.

Luiz Murat.



Ton angélique inspiration dominera tout le reste de ma vie, tant publique que privée, pour présider encore à mon inépuisable perfectionnement, en épurant mes sentiments, agrandissant mes pensées et ennoblissant ma conduite.

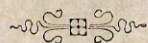
Puisse cette solennelle assimilation à l'ensemble de mon existence révéler dignement la supériorité méconnue !

AUGUSTE COMTE — Dédicace
(*Politique Positive.*)

Heureux celui qui élève et fortifie une femme.

MICHELET.

Depois de um doloroso e mal contido choro?
 Pela extensa campina a nevoa errante veste
 As rosas em botão de um carmezim celeste,
 E acarinha a azinhaga e os brancos nenuphars
 Que lá vão deslisando alegremente, aos pares...
 Oh! como a luz me enlaça e o vasto céu me chama!
 Tudo canta e parece arder na mesma flamma,
 Ao balanço de um caule, ao suspiro de uma ave!...
 Aos pés do mesmo altar, dentro da mesma nave,
 Tudo, tudo. A agua róla em caixões, retumbantes
 Pelas luras e esvãos, como frios viandantes
 Que procuram o valle ou a basta ramagem,
 Tão gratas aos que vêm cansados da viagem.
 O' natureza, falla, abre-me o seio em festa...
 Como é bom te oscular quando já nada resta
 Em nossos corações, em nossos labios frios!
 Como o rumor do vento e a agua mobil dos rios
 Foram-se as orações, os canticos festivos
 No bico a deslizar dos passaros captivos,
 No calice a sorrir das rosas multicores!...
 Foram-se. Ai! que saudade! Alanceada de dores
 Vás, minh'alma, a carpir por este espaço fóra,
 Pensando achar em tudo o mesmo céu de outr'ora.
 E, ouvindo um psalmo, ao longe, e vendo o incenso da ara
 Crê que ainda estás alli, aos pés do Christo, Sarah!...



CANÇÃO DE SARAH

Na minha estrada sombria
 Colhe este ramo de murta.
 E' muito longa agonia
 Para uma vida tão curta!

Do céu distante, hoje, passo,
 Passo a scismar e a soffrer.
 Meu firmamento é tão baço
 Que nunca o mando accender.

A vida foi-me um deserto,
 Agro e escuro o meu caminho ;
 Vi o meu templo deserto,
 Vi desmanchado o meu ninho.

A solidão me cercava,
 Como um funebre caixão.
 « Chega-te a mim », murmurava,
 « Que está mui fria a estação ! »

Fui como o nardo colhida
 E transformada em fumaça,
 Para incensar nesta vida
 A minha e a alheia desgraça !

Cortei os ventos do norte,
 Sulquei os ventos do sul :
 Furacão, trouxe-me a morte,
 Zephyros, trouxe-me o azul.

Alegrias e bonanças
 Foram-se depois embora.
 Que me deixaram? Lembranças
 Dos meus folguedos de outr'ora !...

Lá vive a flor docemente
 Debaixo do seu docel.
 Chammas, queimae a semente
 Da minha sorte cruel.

Da pureza a luz siderea
 Meu leite já não procura.
 Quem pôde amar a materia
 Quando o tempo a desfigura?!

Alma? sim, bem sei que a tenho,
 Bem sei quanto me custou !
 Para gemer, aqui venho,
 Para chorar, aqui estou !

Não te sirvas destas aguas.
 Tiram o viço ás alfombras.
 Orvalha-as com as minhas magoas,
 Aquece-as com as minhas sombras !...

Que deslumbrante harmonia,
 Que matutino fulgor !
 Ah ! na choupana sombria,
 Quem ouve a voz do pastor ?

Arde, estala acorrentado,
 N'um supplicio sobrehumano,
 Meu coração abrazado,
 Como um deserto africano.

Estendei, sem medo, as redes
 Ao pé daquelle rosal,
 Auras, meus carmes, bem vêdes,
 Não vos podem fazer mal.

Quem ama nunca tem pouso,
 Quem espera só tem prantos.
 Quero, mar, o teu repouso,
 Quero, penhasco, os teus cantos.

Em gritos e ais dolorosos
 Transforma-se-me a razão.
 São venenos perigosos
 Os que vêm do coração.

Fui venturosa e adorada
 De uns olhos, como nenhuma;
 Mas a um escolho atirada
 Segui a sorte da espuma.

Era tão nova e tão crente,
 E depois fragil e só.
 Que faz a flor innocente,
 Dentro da nuvem de pó?!

Por manhã fria e encoberta
 Elle partiu — o inconstante!
 Parecia mais deserta
 A estrada naquelle instante.

Ora, o via distrahido
 N'uma bruma perpassar,
 Sem ouvir o meu gemido,
 Sem ter dó do meu penar!

O' urnas, que a brisa louca
 Desfaz em aureos novellos,
 Já não roçam minha bocca
 Teus desnastrados cabellos.

Torna, estrella, sem receio,
 A's sobrefrondes de Maio.
 Quanto amor n'aquelle seio,
 Quanta luz n'aquelle raio!

Tu és meiga e peregrina,
 Com o teu doirado matiz.
 Amar! quem é que t'o ensina
 No teu remoto paiz?

Não está longe do Averno
 O horror deste pégo escuro.
 Nunca queixume mais terno
 Sahio de peito mais puro.

E' uma loucura sem nome
 A' que ha tempos me conduz.
 Ah! nunca se apaga o nome
 Que Deus gravou n'uma cruz!

A aurora nasceu tristonha;
 Do leito o rio transborda.
 Diz o barco: « dorme, sonha! »
 Diz a vela: « Sús! Acorda! »

Aves, em leve cardume,
 Nos ares, pairando, vêm.
 Espancae todo o negrume
 Que as boas almas contêm.

Abri novos horisontes,
 A estes bosques, a estes valles.
 Dizei-me, múrmuras fontes,
 Trazeis fel tambem no calix ?

Tudo quanto sinto e penso
 Tem o mesmo ar juvenil,
 Candido, alvo, como o incenso
 Das lindas tardes de Abril.

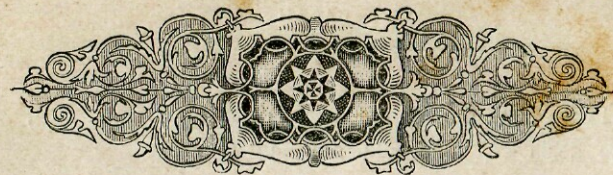
Já não sou a noiva amada,
 Nem flor que se ame ou se colha ;
 Sou pelos ventos levada
 Como o polen, como a folha...

Sonhei, (como o sonho illude !)
 Que elle, a estes olhos fieis,
 Ouvindo a voz do alaúde,
 Vinha ajoelhar-se aos meus pés.

.....

Na minha estrada sombria
 Colhe este ramo de murta :
 E' muito longa agonia
 Para uma vida tão curta !





ULTIMAS ESTANCIAS

I

MUDOU-ME o coração, sua doce influencia.
Fez-me um poeta infeliz, é certo, mas um poeta,
Que cantou a clausura, a hecatombe, a inclemencia,
O delirio de um rei, a visão de um propheta.

Decisiva influencia. O que, ora, escrevo ou traço
Vem desse mundo, á parte, illuminado e puro.
Galgo o impátulo fosso e a imagem fria abraço
Dessa que me serviu de arma e de palinuro.

Na longa rota hostil ao meu Deus, e ao meu rito,
 Cego seria eu já se ella me não tornasse
 Com as suas azas de anjo e o seu clarão bemdito,
 Resplandecendo em toda a sua etherea face!

Tinha de Beatriz a perfeição divina:
 Aquelle mesmo andar, trépido sobre flores:
 Na cabeça ideal um rútilo diadema,
 No olhar, a minha fé, no collo, as minhas dores.

Bôa e meiga, no exilio ouviu as minhas magoas;
 Deu-me vida e calor, deu-me animo e conforto.
 « Deixa bater o mar nestas desertas fragoas,
 Deixa, disse-me: ainda ha muito sol em teu Horto.

Põe de lado esse lucto, esse ar triste e encoberto.
 Tudo, attende, na Terra e no Céu se renóva;
 Desse teu parco lume e desse lar deserto
 Faze, excelsa, jorrar a tua *Vita Nuova*.

E', talvez, a melhor gemma do teu escriptorio,
 Que, amorosa e enlevada, em épodos disponho,
 E em que se vê reunida a fórma ao raciocinio,
 A insania á reflexão, a realidade ao sonho.

Quem, attento, estudar os traços que ali deixas:
 —Brados, imprecações, prédicas e lamentos;
 Quem, de perto, inquirir essas remótas queixas,
 Esses mares, sem fim, aos ventos atrelados,

Ha de nelles ouvir do bronze florentino
 O grosso resonar, o sonho torturado!
 Com elles temblo o accorde ao ether crystallino
 E vou de ancinho e coifa alvorotar o prado.

Palmilhaste tambem o teu chão de Verona.
 Teu degredo foi crú e eriçado de espinhos.
 Os thesouros de Flóra, os mimos de Pomona
 Nem n'os vias alli á margem dos caminhos.

Era eu quem t'os levava e t'os offerencia,
 Entre as brancas visões de teu sublime plectro;
 Era eu que te aquecia a fronte albente e fria,
 Que te molhava a penna e te entregava o sceptro.

E era apenas a tenue e indecisa miragem
 Que se desfaz além ao toque do favonio;
 Mas qu'importa que fosse uma sombra, uma imagem?
 Não te deu ella o gosto e o luxo de Petronio?

Se teu verso acarinha, ah! muitas vezes fere!
 O linho, a seda, a lã fã como uma Parca.
 Alça ao nobre hemistichio o bronze de Alighieri,
 E pendura um idyllo á guzla de Petrarcha!

Viste-me n'uma Igreja. Era, então, nova e bella.
 Um céu muito azulado engalanava a Terra.
 Meu collo, como um lago, apaixonava a estrella,
 A blandiciosa e agreste irradiação da serra.

Não sei bem o que foi. Minh'alma alvoroçada
 Sentio como um clarão penetrar-lhe a carcérula.
 Puz os olhos no altar, vi a hostia consagrada,
 E um objecto passar como uma cruz de perola...

Sahi. Que bello dia! O sol resplandecente
 Doirava, amplo e rochaz, os pincaros distantes;
 E ia dessedentar-se á fonte alvinitente,
 E sestar depois nos bosques odorantes.

Uma alegria extranha inundava-me o seio...
 Que é que eu sentia em mim, que é que em mim se passava?
 Percorria-me a pelle um suave gorgeio,
 Que absorta, repetia, e, tremula, escutava...

Como te amei, então! Como toda desvelos
 Te offereci minh'alma em maviosos harpejos!
 Cerquei o meu ideal de mimos e de zelos,
 Cobri o meu senhor de affagos e de beijos.

Toda a minha existencia ia para esse estuario,
 Que era o meu grande amor n'um grande orgulho immerso,
 Meu nome rutilava ás mãos do lapidario,
 E, como um sol, depois, no coração do verso!

Minha estrella, porém, durou bem pouco! Pobre
 D'aquelle que confia e, descuidado, espera.
 A neve errante agora os altos cerros cobre...
 Morreu meu coração, morreu a primavera.»

II

« Cala-te, sombra amada e peregrina. Escuta:
 Aqui onde me vês, pallido, absorto, mudo,
 Uma recordação fatal meu peito enluta,
 Quando á memoria ascendo e á consciencia acudo.

Fui eu, fui eu, que o tecto abandonei sem causa.
 Que meus versos, enfim, teu martyrio consolem.
 Minh'alma, como douda, insiste, anceia e pausa
 Na propria dor que a queima em seu doirado polen.

O ambito deste lar, frio como um sepulchro,
 Abraza-me a razão, enregela-me o flanco.
 Que angustia cruciante ! O teu cabelo pulchro
 Já se não entrelaça ao meu cabelo branco !

Foi um rude fadario ! O lacerado manto
 Arranquei-o de mim, pallido e succumbido ;
 Foi, então, que, traçando um outro curso ao pranto,
 Não quiz morrer deixando o teu nome esquecido.

Não quiz, vaso sagrado — assénona aromosa —
 Onde em preces, senhor, se me ennovela o enleio ;
 Que o nosso casto amor fanasse como a rosa,
 Que arrancava do hastil para te pôr no seio.

Precisavas viver, embora em versos fosse,
 Como o raio na sombra, e o fremito na veiga.
 Por que ha de o pó crestar-te o sorriso agridoce
 E o verme denegrir-te a cutis lactea e meiga ?

São dous nomes n'um só, — dous candidos amores
 Explendendo e galeando ao tom das ondas mansas.
 Ouvindo ao romper d'alva as aves multicores
 Por entre a vozeria alada das crianças.

Erguer um monumento á egregia potestade,
 Perpetuar-lhe o culto, aprimorar-lhe o estemma,
 N'uma larga, sumptuosa e extensa claridade,
 Eis o que quer o poeta, eis o que aspira o poema.

Quer que a noiva ideal, tão pura como as santas,
 Que se transubstanciou neste piedoso idyllo,
 Receba eternamente o balsamo das plantas
 No recesso do seu prónobo domicilio.

Assim não morrerás, nunca, preclara musa,
 Sendo, como és, de um Livro o ar, o fogo, o alimento.
 Como a bella Julieta, e a chorosa Creuza,
 Um dia subirás ao claro e ethereo assento.

Sob o azul esplamando as tuas niveas azas,
 Aquecendo os meus pés no calor de teus passos,
 Aqui, ali, no val, no remanso das casas,
 Em tudo emfim, que anhele o auxilio de teus braços,

Em tudo, sim, em tudo, ó meu anjo, ó meu guia,
 Esculpirei teu nome e a gloriosa data
 Em que me déste a ler, já não sei que poesia,
 Que ia, rindo, a saltar de cascata em cascata.

Continuaremos a ir sonhar nos mesmos bancos,
 Entre alas de jasmims e resedás ufanos.
 Ao que eram, voltarão os meus cabellos brancos,
 Pois agruras de amor desbotam mais que os annos.

Que dom superno, Sarah! Amanhã, como outr'ora,
 Ser a mesma na estrophe e a mesma na moldura!
 No espaço rutilante, a esplendorosa aurora,
 Na terra, a alma de toda uma litteratura.

Nem um só dia, nem um só momento a estancia,
 Onde occultaste o céo e onde nos occultámos,
 Deixou que se perdesse a sideral fragancia
 Que anda ao luar, como um Euro, abeberando os ramos.

Mas o amor, joven Thug, vive da angustia humana;
 Sacia-se do sangue e da desgraça alheia.
 Desgrenhado, a bramir, entra pela choupana,
 E o mar na dura rocha arrasta, espanca e preia.

Nos rábidos bulções enterra os acicates.
 Em mó de gente má, calca, recalca e esmaga.
 Requestra Helena, e engendra os bacchicos combates;
 Com Homero e Hesiodo, o hymno grego propaga.

Do esqualido gigante — Adamastor chamado —
 Riu-se e o seu caso andou contando ás gentes lusas;
 E, ao equoreo estridor do atro elemento irado,
 Aprendeu a cantar com as Nereidas e as musas.

.....

Pertence-te este livro. Abre-o, pois, com carinho.
 São vinte annos de dor, são vinte annos de luto,
 Atirados por nós ás urzes do caminho
 Por uma noite escura, e um silencio absoluto!...

Os écos levarão aos cimos mais distantes
 Teu culto que interrompe o silencio da riba,
 Teu culto que desperta os bosques verdejantes,
 E deixa, absorta e muda a onda do Parahyba...

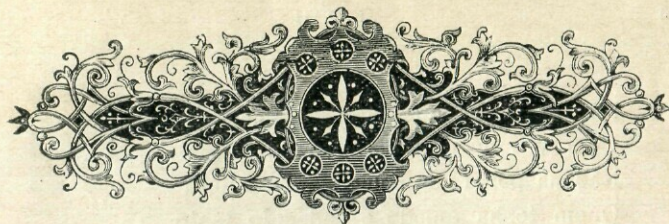
Cuidei de dar ao meu livro um rythmo perfeito.
 De polir a expressão, afim de a haver completa
 Guarda-a com todo o amor, embora o aches mal feito;
 Não ultrajes teu nome, ultrajando o teu poeta.

Guarda-o. Quando, porém, a morte os negros cilios
Teus enublar, voejando entre psalmos e prantos,
Que uma doce lembrança anime estes idyllios,
Que um perfumoso nardo embalsame estes cantos.



INDICE

	PAGS.
Preambulo	VII
Introdução.	3
Supplica	9
Estrella Morta	13
Pastora Nocturna	17
Solidão.	21
As duas Cruzes.	25
Barcarola.	28
Divagação	34
A bordo	37
Invocação a um Idolo	41
Agonia do pó.	45
Quadras simples.	51
Epicédio	55
Rosa de Junho	61
Dolorosa Esperança	63
A Lagrima e a Estatua	67
Quintetto.	71
Lua branca e serena	75
Ouve.	77
A Egrejinha dos Passos	99
Vesper	105
Nevoa ou a saudade das aguas.	111



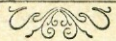
INTRODUÇÃO

Hão de as flores murchar, ha de essa immensa
Cortina azul rasgar-se n'um momento ;
Mas atravez do tempo e da descrença
Brilharás sempre no meu firmamento.

Ainda és a patena que eu beijava
Com o respeito que se tem ás santas,
A luz celeste que me acompanhava
Por entre os sonhos e por entre as plantas.

De Raphael o terno colorido
Não pintaria a dor desta saudade,
Nem a angustia sem fim deste gemido,
Nem o rosto sem par desta anciedade!

	PAGS.
Setembro	117
Heróes.	122
Exhortação da Floresta.	131
Lembrança de uma noite no Carcere	137
Grito da Mandrágora.	145
Vôo Incerto	155
Passeio da Terra	161
Crepusculares.	175
Canção de Sarah	179
Ultimas Estancias	187
Errata	199



ERRATA

Na epigraphe, onde se lê:

Heureux celui que, etc.

Leia-se:

Heureux qui etc.

Na pag. 18, onde se lê:

Dentro dos livros santos,

Leia-se:

Entre as hostias e os santos.

Na mesma pagina, onde se lê:

Ei-lo o hostiario da fé,

Leia-se:

Ei-la a ábside da fé.

Na pag. 23, onde se lê:

Certo de que a minha doce amada

No umbral da porta solitaria chora,

Leia-se:

Certo de que, chorosa, a doce amada

Ficou, resando, como Heloiza fóra.

Na pag. 57, onde se lê:

Levai-os ! são meus ultimos gemidos,

Levai-os ! são meus ultimos harpejos

Leia-se:

Recebe-os ! são meus ultimos gemidos,

Alenta-os ! são meus ultimos harpejos.

Na pag. 109, onde se lê:

É o murmúrio, etc.

Leia-se:

É o murmurfo. etc.

Na pag. 113, onde se lê:

Deu-lhes um fogo, talvez, mais desordenado

Leia-se:

Deu-lhos um fogo mais desordenado

Na pag. 149, onde se lê:

Julgar pudera, etc.

Leia-se:

Julgou pudesse, etc.

Na pag. 153, onde se lê:

Cuja silhueta exhibo, amalgo ageito e faço

Leia-se:

Cuja silhueta exhibo, amolgo, ageito e faço etc.

Na pag. 166, onde se lê:

Albumazar ! A mim chegou-se o corvo arisco,

Leia-se:

Albumazar ! A mim chegou-se o cervo arisco etc.

Na pag. 171, onde se lê:

E as esferas que, agora, insolita alvoraças,

Leia-se:

E as esferas que, agora, insolita, alvoroças, etc.

Na pag. 172, onde se lê:

Sobre um céu, frio e máo, etc.

Leia-se:

Sob um céu, frio e máo, etc.



Não ha pincel que falle em tela escura,
Com voz mais doce, com amor mais santo.
Não ha por toda esta infinita altura
Quem tenha amado e padecido tanto.

Não ha, formosa! E' dor que se não pinta,
E' soffrimento que se não descreve.
Por mais que a alma soluçe e o verso sinta
Não logra a chamma desfazer a neve.

O vento arrebatou n'um só minuto
O jardineiro e a flor, o cego e o guia,
E alongo a vista e vejo o céu de luto,
E apalpo a terra e sinto a terra fria!

Vinte annos já! e envelhecemos, Sarah!
Vinte annos! um martyrio que não finda!
E eu que dos sonhos vãos me acautelára,
Vejo-te em sonhos cada vez mais linda!

E' que o primeiro amor conserva, intacto,
Esse suave calor que o sol lhe dera;
Qu'importa envelhecer, quando o retrato
Reçuma sempre a mesma primavera?

A dor tambem não é tão impiedosa
Como parece. Ella não mata, excita,
E arrasta o genio pela luminosa
Febre que no seu proprio ser crepita.

E' bella e universal. Byron a amava
E attribuia-lhe esse dom sublime
De ser senhora e, ao mesmo tempo, escrava,
De ser virtude e, ao mesmo tempo, crime!

A dor me exalta, a dor me tornou poeta,
E ella, que me atormenta e me consola,
Para que eu fosse luz — fez-me propheta,
Para que eu seja pó — dá-me uma esmola!

Nós somos outros tantos sonhadores
Em busca de uma sombra que nos foge.
Soffremos tanto, que, das proprias dores
Nos recordamos com saudades, hoje.

Carinhosa visão que perpassaste
Do mez de Abril na glauca ramaria,
Depois de tantos annos, que encontraste
Na flor de gelo que a teus pés se abria?

Mortalha de illusões, que envolve os tristes,
Recordação da infancia, que ainda exortas,
Como as aves, o vôo desferistes
E, como ellas, tambem, hoje estaes mortas.

Vamos, declina o sol da juventude...
Começa a anoitecer nos céos sombrios...
Sonhemos... Aos accordes do alaúde
As folhas tornarão aos ramos frios.

A inspiração dos velhos trovadores
 Faremos reviver por estes ares.
 Eu contarei a tua historia ás flores,
 Tu contarás o meu romance aos mares.

Que seja triste o nosso canto, embora!
 E' a imagem de toda nossa vida!
 E's a dhulia exilada que a onda chora
 No coração de uma ámbula partida.

O mudo aspecto da paizagem toma
 Um colorido muito mais risonho,
 E em cada flor, que se abre, um rosto assoma
 Rindo do nosso tresloucado sonho.

O jardim enaltece-se de cravos,
 O céu de estrellas, o luar de numes.
 Olha, para servirem-te de escravos
 Mandam-te as rosas todos os perfumes.

Mensageira do amor, sobre os caminhos
 A amphora mystica e aromal derrama.
 Entre os bosques em flor fremem os ninhos
 Anciosos todos pela mesma chamma.

Divino som de musica saudosa
 Paira, esmaece e se volatilisa...
 E o ar e a floresta e a vaga caprichosa
 Dizem sorrindo: « arrebatou-a a brisa ! »

Oh! santa ingenuidade das crianças,
 Que o coração dos scepticos acalmas,
 São feitas desse engano as esperanças,
 E dessas esperanças nossas almas.

Sonhar! E' ter a musica da infancia,
 Junto ao ouvido, ao pé do travesseiro ;
 E' guardar em espirito a fragrancia,
 E o recato febril do amor primeiro.

Em cada haste respira um ser obscuro,
 Em cada ser um novo embryão respira.
 Mas tudo: — lodo ou sol, immundo ou puro,
 Na mesma fonte original se inspira.

Seja lodo o que o leite de meu verso
 Atira ao seio do infinito oceano:
 O lodo é tambem alma do Universo
 E ancoradouro do labor humano.

Sinta, embora, ainda o travo da amargura,
 Minh'alma a poenta veste aos vermes deixa.
 Quero entrar para a minha sepultura
 Sem murmurar no umbral uma só queixa...

.....

Corram-te os dias claros e serenos,
 Corram-te os annos leves e risonhos,
 Sarah, lê estes versos — são meus threnos,
 Sarah, guarda estes threnos — são teus sonhos.



SUPPLICA

GUARDA em teu seio impolluto,
 Guarda no alta: de teu sonho,
 A minha imagem de lucto
 No seu sepulchro tristonho.

A vaga levou, querida,
 A endeixa que te embalava,
 Desfolhou-se a minha vida
 Quando a manhã despontava.

Agora, sosinho, vago,
 Como um navio sem norte,
 E, sem saber como, trago
 A' prôa a estatua da morte.

Tu me encadêas aos ventos,
 Tu me abandonas és agoas.
 Não te movem meus lamentos
 Não te abrandam minhas magoas.

Da antiga felicidade
 Que resta, para que eu viva!
 Uma larva de saudade
 Que do amor se fez captiva.

Está deserto o meu ninho,
 Não tem flores o meu vaso.
 Como um espectro caminho
 Nas sombras do meu Occaso.

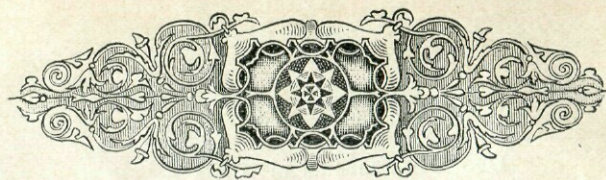
Viajor sem esperança
 E que não tem poiso certo,
 Minha'alma, louca, se lança
 Por este espaço deserto.

Deixa que eu viva cantando
 Deixa que eu morra sentindo
 A dor de te ver gozando,
 A dor de te ver sorrindo.

Qu'importa cahir na estrada,
 E morrer, se assim o ordenas?
 Minha sorte está cançada
 De carregar tantas penas.

Guarda em teu seio impolluto,
 Guarda no altar de teu sonho,
 A minha imagem de lucto
 No seu sepulchro tristonho.





ESTRELLA MORTA

TU'ALMA voava em meus braços
N'aquella quadra feliz,
Dentro dos mesmos espaços,
Filha do mesmo paiz.
As borboletas, sorrindo,
Vinham conversar contigo.
Que prazer, ellas partindo,
E tu ficando comigo !
Os penões das cachoeiras,
As arvores colossaes,
Viam nossas brincadeiras,
Como velhos, nada mais.
Diziam que ambos, brincando,
Pareciamos, quem dera !
Uma primavera dando
Flores a outra primavera.

Não conhecíamos nada :
 Nem prantos, nem ambições.
 Dentro da mesma alvorada
 Voavam dois corações.
 Tudo parecia um canto,
 Que nunca se acabaria !
 Ninguém julgava que o pranto
 Ao canto succederia.
 Minha loucura era tanta,
 Minha vida era tão clara,
 Que eu dizia : « não ha santa
 No altar mais santa que a Sarah ! »
 Cahia a tarde na terra,
 Brilhava a estrella nos valles...
 Olha ! no cimo da serra
 Desabrochou mais um calix.

Uma flor em cada galho,
 Uma deusa em cada flor,
 Uma coberta de orvalho,
 Outra perdida de amor.
 Tudo cantava, e, surpresa,
 Surpresa de tanto arrulho,
 Escrevia a natureza
 Um hymno em cada barulho.
 E' que no insecto, que passa,
 No noctiluz que fulgura,
 O rascunho o genio traça
 De uma nova partitura.

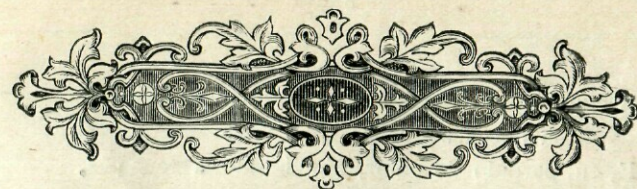
A febre nos arrebatava,
 O amor accende o desejo,
 E como os glauces na matta
 Morremos depois de um beijo...

Mas um dia, de repente,
 Tu partiste e eu fiquei só,
 E vi o céu refulgente
 Andar de rojos no pó.
 Triste destino o que espera
 Quem nunca julgou que a sorte
 Transformasse a primavera
 Em mensageira da morte.
 Nunca julguei que o infortunio
 Dêsse ao sol azas de insecto,
 Ou á canção de Fortunio
 O grasno dicaz de Hamleto.
 Ah ! mais o infando assassino,
 O punhal me embebeo n'alma,
 Não me concede o destino
 Nem um instante de calma.

Ventura, porque partiste
 Tão depressa do meu lar ?
 Sobre elle, agora, tão triste,
 Faze a alegria voltar.
 Minha estrella, ei-la cahida,
 E sem fulgor no horizonte.
 Ai ! vejo a imagem querida
 Errando de monte em monte.

Dize ao mar que não açoite
 A luz que no azul suspira.
 Quando ella passeia, á noite,
 Vae cantando ao som da lyra...
 De teu seio, oceano bravo,
 Ouço o profundo resono,
 De que senhora és escravo?
 De que princeza és o dono?

Eu sou a sombra, que passa
 Carregando a propria cruz,
 Tu a estrella da desgraça
 A quem Deus tirou a luz.
 Meu pranto é a harpa queixosa,
 Cujas cordas se quebraram,
 Cantou na vaga chorosa,
 E nas folhas que murcharam.
 A aragem deo-lhe um queixume,
 O bosque deo-lhe um harpejo,
 E com o idyllio e o perfume
 Fiz a rozeira de um beijo.
 Do Orco frio a velha porta,
 Fechou-se sobre os meus paços,
 E beijo a imagem da morta
 Que levo nos proprios braços...



PASTORA NOCTURNA

SARAH, o tardo rumor dos écos me desperta...
 Torno ao meu sonho, então.
 Vejo a lua passar pela estrada deserta,
 Pela vasta amplidão.

Vibra uma harpa no espaço, e o staphil outonal
 De manso açoita os montes.
 Corro os olhos em torno, ergo o leve sendal
 Das sonoras fontes...

E, á clara luz que o azul e os bosques embalsama,
 Fica em cima a sorrir...
 Um fulgor oriental pelos festões se enrama...
 E' um prazio de Ophir

A cupola que cahe sobre os caramancheis...
 Tua bocca se cala,
 E, eu, perdido de amor, ajoelho-me a teus pés,
 Como em frente a uma stala.

Anjo ou mulher, escuta, hostia ou ambula, ampara,
 Meu sonho juvenil.
 Dá-me que eu possa ver sempre em teus olhos, Sarah,
 Um arrebol de Abril.

Com que prazer exgoto o calice de fel,
 Que me edulcora os labios !
 Com que prazer prelibo a amargura cruel
 De tão ledos resabios !...

Um dourado amavio em minhas veias corre,
 E arrebatá-me ao céo,
 E encarapela o sangue e o coração percorre
 Nas azas do escarcéo !

Como Laura, formosa, has de viver tambem
 No nicho de meus cantos,
 Pura, biblica, ideal, translucida cecem,
 Dentro dos livros santos !

Como um diácono o céo veste a estola do outono,
 Eil-o o hostiario da fé !...
 Como o luar subio já, tonto ainda de somno,
 Ao portico da Sé !

Em rôfos lumaréos freme a colméa astral,
 O cariz esbrazêa ;
 E, em baixo, junto á fonte, á sombra açucenal,
 Meu coração gorgêa.

Oh ! como é bom amar aos vinte annos, querida,
 Na primavera em flor !
 Afinar do alaúde a corda dolorida,
 E desmaiar de amor !

E quando todos vão ao CAMPO SANTO dar
 Uma oração e um goivo,
 Ver, de branco, uma noiva ao piano acompanhar
 Os versos de seu noivo !

Como tudo transporta a alma pelos espaços,
 E do alto nos faz ver,
 Ao fulgido redil, amiúitando os passos,
 A Pastora Nocturna os astros recolher !



A' VENERANDA MEMORIA

DE

Minha Tia

A

Sra. D. Emma Herlsey Murat de Quintella

6753

18-7-01

del. 1. 7. 02

MINISTERIO DA JUSTIÇA E NEGOCIOS INTERIORES	
DEPARTAMENTO DE IMPRENSA NACIONAL	
BIBLIOTECA	
NUMERO	DATA
482	9-7-51

MINISTERIO DA JUSTIÇA E NEGOCIOS INTERIORES	
IMPRESSA NACIONAL	
E	
NUMERO	DATA
360	20-10-45

Julio

60 - 20/10/45



SOLIDÃO

SARAH, meu coração perdeu de todo
A alegria e a esperança.
A agua da fonte transformou-se em lodo
E em prantos os sorrisos de criança.

Não mais, não mais virão beijar-me as faces
As brisas matutinas.
Os clarões da alvorada são fugaces,
E morosas as sombras vespertinas...

Tu és o raio que illumina a fonte,
Eu sou a sombra que escurece o rio;
Se uma abre as flores hibernaes do monte,
Outra as desfolha no sepulchro frio.

Minh'alma ainda está toda orvalhada
 De teus meigos carinhos,
 — Lyra dos meus vinte annos pendurada
 Entre as aves e os ninhos.

Com que saudade volto aos céos risonhos,
 Com que saudade aspiro o olor das flores,
 Onde estão sepultados os meus sonhos,
 Onde vão florescer os meus amores.

Neste ergástulo torvo, em que agoniso,
 Meu coração desata-se em queixumes...
 O calor destes valles indeciso
 Não produz mais nem crenças, nem perfumes.

Mais velho estou do que julgar pudéras,
 Archanjo immaculado!
 Que me resta das vinte primaveras
 Que gorgeavam juntas ao teu lado?

Que me resta dos beijos que me déste,
 Oh! minha noiva, quando o luar fulgia?
 — Uma cruz, uma lage escura e agreste
 Que a neve da estação tornou mais fria!

Illusões, devaneios, risos, cantos,
 Tudo fugio contigo.
 Hoje sómente doloridos prantos
 Em meus olhos abrigo.

Não me procura a luz das manhãs claras,
 Nem me arrebatá em arrojados surtos:
 — As horas de ventura são tão raras!
 Os prazeres do espirito tão curtos!...

Canções ao vento desferi na lyra,
 Estrophes de ouro modulei no plectro;
 Mas a saudade que o poeta inspira
 Fez-se mortalha p'ra cobrir o espectro.

Solidão triste e vasta
 Que os meus lamentos, impiedosa, encerra,
 Deixa que eu veja a sua imagem casta
 — Unico enlevo que me prende á terra.

Oh! quem me dera regressar ao nada,
 Descer á sombra onde o silencio móra,
 Certo de que a minha doce amada
 No umbral da campa solitaria chóra.

Concede-me esse dom, Sarah querida,
 Deixa-me esta esperança,
 De realizar no fim da minha vida
 O que era um sonho apenas em criança.





AS DUAS CRUZES

QUÉRULAS agoas, moles e espumantes,
Que o luar e a voz do meu alaúde inspiravam,
Segredando aos ouvidos dos amantes
O que a balsa dizia, e o que as vagas sonhavam.

Vinte annos já que aos meus ouvidos fechas
A harmonia sem par da tua lyra immensa,
Ermittão que ao passar carpindo deixas
O remanso da fé, o ermitterio da crença.

O' rio — onde as Potámines formosas
Vinham, á luz do Poente, entresachar o idyllio,
Ou ensinar ás ondas sonoras
Canções de Anachreonte e eglogas de Virgilio.

O' Parahyba, ó berço da saudade,
Onde aprendi a amar a mulher e a poesia,
Perdeu o aroma a flor da mocidade,
E a minha harpa esfolhou a ultima melodia.

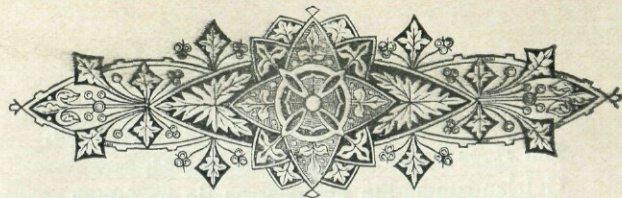
Conservas ainda aquelle mesmo accento,
Que, ao declinar do estio, ás arvores entoavas.
 Sóbe o fumo do Templo ao firmamento
 Com que as nuvens, além, á noite, embalsamavas.

Teu chôro é o mesmo, tua voz profunda,
 Por quebradas sem fim e valles se derrama ;
 E o gemido da tarde moribunda
 Em teus cantos suspira e em teus estos se inflamma.

Ouço-te ainda as mysteriosas fallas
 Na rosa do vergel, no bogary da serra,
 E o sonho vago e obscuro que trescalas,
 Tem mais austeridade e mais tristeza encerra.

Dize-me, Parahyba, quem julgára
 Lograsse a sorte iniqua arrancar-m'a dos braços ?
 Ou que algum dia o coração de Sarah,
 Rutilante de amor, se prendesse a outros laços !

Pobre garça, que as algas soluçantes
 Vinham beijar os pés, pequeninos e esquivos !
 Uma cruz separou os dous amantes
 Outra cruz ligará os dous captivos.



BARCAROLA

JÁ os incautos colibris partiram
 Para o noivado matinal das flores.
 Fulgem ao sol as matizadas côres
 Das aves e das rosas que se abriam.

O' luz saudosa
 No céu risonho,
 Abre-se a rosa,
 Fecha-se o sonho.

Estremecem, palpitam na folhagem
 Os festivos canarios recém-nados.
 Batem os bicos, quando vein a aragem,
 Rindo e folgando pelos descampados...

A aragem passa,
 Murcham as flores,
 Vem a desgraça,
 Voltam as dores.

Maio alardêa as pompas que lhe emprestam,
Em ricos vasos os preclaros numes,
Guirlandam-se-lhe em nastos de perfumes
Effluvios que no inverno o trigo crestam.

Correm as aguas,
Passam os ventos;
São minhas maguas,
São meus lamentos!

No encaço vais, gárrula patativa,
Do sonho que, hoje, te acordou mais cedo,
Porque retens na lagrima captiva
—Prisioneira de amor— o teu segredo?

A balsa canta,
Piedosa e meiga;
Como uma santa,
Sorri a veiga.

Eu caminho sem ter onde pernoite,
Tu caminhas na mesma melodia;
Levas nas azas o fulgor do dia,
Levo no peito a escuridão da noite.

E a noite é bella,
E as ondas mansas.
O amor constella
As esperanças.

Cyrros — contornos lucidos do Occaso,
Aquarelando serras altaneiras,
Serão os versos que componho, acaso,
Do coração as notas derradeiras?

Lyra, suspende
Os teus cantares.
Ninguem comprehende
Os meus pezares.

Musa da tarde, peregrina e leve,
Harpa, filha das múrmuras alfombras,
Meus olhos o infortunio encheu de sombras,
Meus cantos a estação cobrio de neve.

Bosques queridos,
Aureos cardumes,
Não dais ouvidos
Aos meus queixumes.

Daqui te sigo os sonhos odorantes,
Minha formosa dhália prisioneira;
Os céos ainda estão como eram dantes,
Quando nos vimos pela vez primeira.

Tudo esquecido,
Tudo em pedaços;
Eu foragido,
Tu n'outros braços!

O amor se malquistou comigo, Sarah,
E me offendeu como a Petrarca e a Dante.
Fôra um crime exigir que a onda arquejante
Restituisse perola tão rara!

O céu me insulta,
O sol se obumbra,
E a ave se occulta
N'outra penumbra.

Da vida a encosta, como um velho monge,
Subo de sombras e baldões coberto;
Só d'alli posso vêr como está longe
O que me parecia estar tão perto.

E' assim a idade,
E' assim a sorte.
Paz, em verdade,
Só ha na morte.

O mar lançou-me á praia quasi morto;
A salsugem cobriu-me o corpo inteiro.
Ah! não encontra nunca o prisioneiro
Na terra um coração, no Oceano — um porto.

Porque, sem treguas,
Anda ao relento,
Leguas e leguas
Meu pensamento.

.....

Partiu-se a urna da fé e da esperança,
E a alma esvahiou-se na primeira prece.
O vento leva as supplicas que lança
O mavioso pastor, mal anoitece...

Ficam apenas,
Do que cantaste,
Aves sem pennas,
Flores sem haste.





DIVAGAÇÃO

1

CEGOS, vamos singrando os temerosos mares
Sem jámais ancorar em porto algum do mundo,
E, enquanto os vendavaes zunem nos negros ares
Irritados Briarêos o pélagos iracundo
Açoitam com bulcões e horridas preamares.

Theogonias, visões atrozes dos prophetas,
Emmaranhadas no orco onde se affunde a crença
Rinchavelham, ouvi. Alma sombria, encetas
Um novo passo, e, a sós, pisas a estrada immensa,
Onde iam ajoelhar-se os magos e os ascetas.

Theorias de roldão passam dismanteladas;
Olhos febris a luz espiam da penumbra;
E os santos de marfim nas naves apagadas,
Quando de todo a fé nos corações se obumbra,
Hirtos, quedam-se nús nas cruces desoladas.

Iconoclasta audaz! Espalmas e afeições
 A lei, a cujo imperio os homens obedecem.
 Muda de norte a agulha, as náos voltam as prôas,
 E dos thronos senis e apodrecidos descem
 Magros deuses sem lar, pobres reis sem corôas.

Ao teu arremessão jorra o sangue cruento
 De hordas barbaras! Cospe o incendio ignea fornalha.
 Afla como um ginete esporeado o vento,
 E arremette e derroca o velho rito odiento,
 — A abobada de estuque, a cumieira de palha.

A alma sonha, no emtanto. A orchestra matutina
 A meditar convida. O coração palpita,
 Quer voar, quer cantar, quer subir à collina,
 Ir e vir, perlustrar toda a esphera infinita
 Que estes bosques enflora e este cahos illumina.

II

Vem doirar esta sombra e entresachar a graça
 A' pompa matinal! Vem, tudo aqui te espera...
 Hão de reconhecer-te a viração que passa,
 O rio, a flor, o valle, o sol, a primavera,
 Que em meus cantos soluça e em teus olhos esvoaça...

Vem! não tardes, por Deus! Vamos envelhecendo...
 Depois, o sonho dura apenas uma noite...
 Não quero ficar só, nem proseguir sabendo
 Que meu estro ficou sem lar onde se acoite,
 Quando o sol fôr cahindo e o poeta fôr morrendo.

Tudo deixo por ti: — livros, glorias, prazeres,
 Ambições de poder, de fausto, de riqueza,
 E feliz viverei, Sarah, se tu viveres,
 Ao meu lado, a imitar em tudo a natureza,
 Que não despreza nunca os mais obscuros seres.

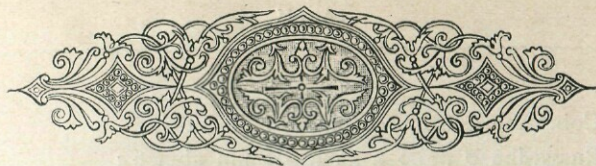
Acaso me esqueceste? Acaso a aura não canta
 Ao teu ouvido o que eu a cantar te ensinára?
 Tinhas, instante a instante, uma aria na garganta
 De uma pureza tal, de uma doçura, Sarah,
 Que parecia vir da alma de alguma santa!

Ninguém, nem Margarida — o aroma da innocencia —
 Tratava com mais zelo o seu ideal na terra,
 O seu mesmo sentir, a sua mesma essencia,
 Que tudo, a um tempo, abrange, embebe, insufla e encerra,
 Quando a mulher nos surge em plena adolescencia...

Qual arremette contra os fados deshumanos
 E pallido recalca o punhal na ferida:
 Qual affecta escolher entre os risos profanos
 O que mais se afeição a comedia da vida
 E á funesta ambição dos máos e dos tyrannos.

Eu não! Apenas canto o que te diz respeito:
 — O berço em que nasceste, o rosal que plantaste:
 E, se acaso entrevejo, em sombras, o teu leito,
 O calix sem perfume, o alvo lírio sem haste,
 Ah! meu plectro se esvahe em lagrimas desfeito...

Sarah! Nem uma só queixa articulo, quando
 A viração me traz uma lembrança antiga.
 Sei que ha de vir o dia, em que nos encontrando,
 O pó deste cansaço e a dor desta fadiga,
 Terna e piedosa irás, aos poucos acalmando...



A BORDO

VOZES tardias, lémures queixosos,
 Pelos funereos campos espalhados,
 Olhae se ha corações mais dolorosos
 Que os corações dos homens desterrados.

Olhae, se ha dor maior que a dor que sente
 Quem perde a Patria, ou antes, o Universo,
 E recolhe-se a um céu indiferente
 — Carcereiro da luz, algoz do verso!

Cobre-lhe a fronte a pallidez da morte,
 Rasga-lhe o peito a garra de um abutre ;
 E o espectro horrivel, victima da sorte,
 Da sua propria reclusão se nutre.

Não ha crime no crime desses santos
 Que a vertigem de um bem lançou por terra.
 Salvo se chamaes crime encher seus cantos
 Com todo o amor que a humanidade encerra.

Piedade não n'a tendes vós, supremos
 Traficantes de graças e favores.
 Para as vossas orgias concorreremos
 Com as nossas almas, com as nossas dores.

Sois vós que nos lançaes, quando passamos,
 Chufas, em cujos cardos nos ferimos.
 Quasi morreis de riso, se choramos,
 Quasi morreis de magoa, se sorrimos !

Deus vos inspira medo e não respeito.
 A luz vos faz estremecer na casca ;
 E, em vez de um coração, em vosso peito,
 Um batrachio immundissimo se atasca.

O chôro das vestaes vos não acalma
 Se lhes retalha o corpo ávido açoite.
 P'ra cada refeição pedis uma alma,
 E a deshonra de um lar p'ra cada noite.

Podeis latir aos nossos calcanhares,
 E babujar a gosto os nossos rastros :
 Ao verme irrita a dimensão dos mares,
 Ao mocho offende o resplendor dos astros.





PREAMBULO

Si transcrevessemos para estas paginas uma parte da autographia de Petrarcha, teriamos feito a nossa propria historia.

Mas, para que? Quântos não duvidariam da semelhança que ha entre as duas existencias!

O que é certo é que a personagem que enche a nossa alma, ha 25 annos, teve sobre o nosso coração uma influencia decisiva.

Dizemo-lo nas *ULTIMAS ESTANCIAS*, isto é, na ultima parte do livro que se vai ler.



INVOCACÃO A UM IDOLO

LONGAS vigílias, tresnoitadas dores,
Gemendo, lançam-se-me aos braços.
Dormem, silenciosos, os espaços,
Com as almas somnambulas das flores.
Guardo seereta magoa no meu peito,
Vejo de longe a terra amada.
Tudo deserto está, tudo desfeito,
Entre as hosanas pútridas da estrada.

Visões de outr'ora, que ao luar fulgiam,
De garcos olhos, de cabellos pulchros,
Que aos meus sonhos de poeta appareciam,
Esquecidas repousam nos sepulchros.
Vasqueja a lampada mortuaria,
O céu se obumbra, a infancia passa...
E na minha agonia solitaria
Tua fria memoria ainda me abraça.

Aspiração indefinida

De querer entre os astros fazer ninho,
 Quando se é verme ou lagrima cahida
 Casualmente no lodo do caminho.
 Desfaz-se a nuvem que o horizonte enleva,
 Correm, chorando, para o abysmo as agoas.
 Meu Deos, que ides fazer de tanta treva,
 De tantos ais, de tantas magoas ? !..

Que mundo extranho construistes,
 Que injustiça, construindo-o, praticastes?
 Entre os máos os prazeres dividistes,
 Entre os bons as desgraças espalhastes.
 Quando fizestes a partilha immensa,
 De tantos nem um só quinhão me coube.
 Quiz ensinar a crer, faltou-me a crença,
 Quiz ensinar a amar, e amar não soube.

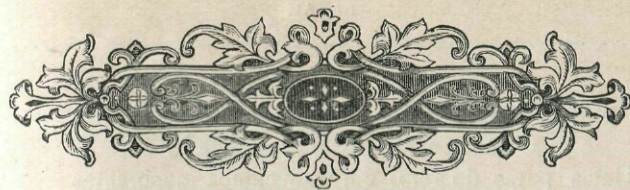
Cem annos atravesso em cada dia,
 Cem existencias gasto em cada canto.
 E que me resta ? — Esta prisão sombria,
 Como premio de haver soffrido tanto !
 O' como me desola este abandono,
 O isolamento frio e mudo.
 Não tenho luz, não tenho somno...
 Falta-me Deos, falta-me tudo.

O' minha Mãi, á borda do jazigo
 A mesma dor cada vez mais me opprime.
 Só quando ha crime, pôde haver castigo,
 Só se castiga averiguado o crime.
 Pobre santa que a sorte injusta esmaga,
 Arrancando-lhe o filho mais amado.
 Vêde, Senhor dos céos, se ha alguém que traga
 Um destino como eu mais desgraçado.

A sua imagem me acompanha,
 Em toda a parte, a todo o instante,
 E encontra-me na falda da montanha,
 Abandonado e quasi agonisante.
 Volto, mas outra vez me falta o apoio,
 E vejo o meu futuro em pó desfeito ;
 E, após, o coração como um arroio,
 Que se derrama em lagrimas no peito.

Tudo perdido e aos pés alguns destroços...
 — Resíduos que ficaram de meus prantos ;
 E um pedaço de chão para os meus ossos,
 E um boccado de cal para os meus cantos.





AGONIA DO PÓ

—
I

JÁ de atros avejões minhas loucuras todas
Fogem espavoridas.
As estrellas são más, as aves estão doudas,
E murchas sobre o chão as flores mais queridas.

Tudo é treva no céu, tudo é morte na terra,
Onde vou descansar.
Torpor na solidão, lamentações na serra,
Rebelliões no mar!...

Prazeres, onde estais? Onde vos occultastes
 Com os meus ultimos beijos?
 Almas puras do amor em que campa quebrastes
 Meus lubricos desejos?

Como mudou o antigo aspecto da paizagem!
 Como tudo faz crer
 Que o destino dos bons nesta longa romagem
 E' chorar, é soffrer!

Attrahe ainda a calhandra os corações ditosos
 Na quebrada dos valles.
 Ainda encontra o luar os jardins perfumosos,
 Mas o loto da fé, sem aroma e sem calix.

O incenso que doirava a alma da Sulamita,
 Eil-o apagado já.
 Illude-se quem diz ou suppõe que accredita:
 — A verdadeira crença ha muito extincta está.

Não lanceis essa injuria a mais á fronte austera
 Do Creador sublime,
 Que dá rosas ao campo e fulgores á esphera,
 Perfidias á mulher e seducções ao crime.

E' medo o que tu tens, pobre ser inconstante,
 Pobre ser infeliz!
 Se te faltou a luz, se te trahio a amante,
 Fez tudo isto o Senhor para seres feliz!

Uma tal oração macúla o solio augusto
 E o firmamento empesta.
 Corações, esperai, o Omnipotente é justo:
 Poz o sol na montanha e o reptil na floresta!

Esperai, corações. A aurora se levanta.
 A natureza toda é um hymno festival.
 A mandragora canta...
 Faz mal a sua voz? Deixai que faça mal.

Vamos mais adiante. Uma serpe traiçoeira
 Vos picou uma arteria? Oh! não nos assustemos.
 Foi um raio de amor n'um pouco de poeira,
 Tudo quanto perdemos.

A morte vos arranca a filha mais querida,
 A açucena mais nova, a aragem mais subtil,
 Era o sonho melhor de toda a vossa vida,
 A mais bella manhã de todo o mez de Abril.

Quereis dar a esse corpo, exanime, o bafejo
 Do paternal carinho,
 A graça n'um olhar, o sorriso n'um beijo,
 E fazel-o voltár de novo ao casto ninho?

Pobre pai, pobre mãe! vossa filha adorada
 Repousa para sempre inanimada e só.
 — A criança que sonha, é uma estrella abrazada,
 — A estrella que se apaga, é uma nuvem de pó.

II

Emquanto, fóra, os mais folgam, preso, contemplo
 O horizonte tristonho.
 Meu corpo é como o chão, minha alma é como o templo,
 Onde deixo á vontade espriaiar-se o meu sonho.

Sou a sombra da tarde encostada a uma cruz,
 Ouvindo a voz do vento e a canção dos pastores...
 Para o meu pobre olhar o céu nunca tem luz,
 Para o meu pobre valle o sol nunca tem flores !...

Nunca prazeres vis me ataram á vertigem
 Que os sentidos desvaira.
 Do mal que nos consome aprofundei a origem,
 Mas sobre o eterno bem minha poesia paira.

Meu coração foi sempre um passaro a cantar
 A' borda de qualquer saudade fugitiva.
 Por ouvir sempre a vaga em prantos exclamar:
 Até quando, Senhor, me reterás captiva?

Com Shakspeare aprendi a arte de amar a rima,
 De arrancar-a do pé, como o fructo do cacho.
 Com elle contemplei a irradiação de cima,
 Com elle atravessei o lodaçal de baixo.

Meu espirito leu paginas immortaes.
 Como uma agúia planou nas regiões mais nobres ;
 E, atravessando, á noite, infrenes bacchanaes,
 Foi ser bom entre os bons, foi ser pobre entre os pobres.

No castello de Hautsbourg o trovão retumbou.
 Viu-se um monge sahir dessa cratera immensa,
 E com a sua palavra os écos despertou,
 E com a sua lição reconstruiu a crença!

Mas o espaço ficou vasio, e inhabitado,
 E na consciencia humana a mesma dor secreta,
 E enchendo a vastidão do abysmo illimitado
 O horto, sem a oração, a cruz sem o propheta.

Para que serves tu, orgulhosa razão,
 Sinão para crear a demencia dos sabios?
 Em que hostia hei de guardar a minha solidão?
 Em que divino altar hei de poisar meus labios?

Impetuosamente ao pélagos me lança
 A vida, que me cerca, a morte que me invade.
 Se olho para o passado, anima-me a esperança,
 Se olho para o presente, esmaga-me a saudade.

Saudade, sim, do tempo em que encontrava em ti
 Meu doce amor, um seio immaculado e puro.
 Saudade, sim, do tempo em que a teu lado ergui
 O altar do nosso amor e do nosso futuro.

Saudade da estação que os arvoredos doura,
Sorrindo á estrella d'alva e ao matinal concerto;
Saudade dessa quadra ardente e sonhadora
Em que o maior desgosto é um paraizo aberto.

Saudade desse alegre e esplendido arrebol
Que corôava o cabeça ás montanhas immensas,
E me deixava a fronte aureolada de sol,
E me deixava o peito orvalhado de crenças.

.....

Pois bem, visão saudosa, alma innocente e pura,
Pensa em mim um momento.
Cobre com o teu olhar a minha sepultura,
Enche com o teu clarão o meu isolamento.



QUADRAS SIMPLES

A lua vinha escutar-te,
Queria esconder-te o sol;
Apaixonado o arrebol
Buscava-te em toda parte.

As crespas vagas do mar
Ao pé de ti arrulhavam,
E a tua sombra, ao passar,
Avidamente aspiravam ...

A estrella d'alva, distante,
Pelos espaços azus,
Prendia um raio de luz
A' tua trança odorante.

E tu me trazias, flor,
N'um suspiro ou n'um queixume,
Um pouco desse fulgor
N'um pouco desse perfume.

E, fitando o astro tristonho
 Que a nuvem desfaz, além...
 Perguntaste-me se o sonho
 E' como a nuvem tambem...

Ave, que o vento colheu,
 Onde fizeste teu ninho ?
 Em que ramo, passarinho,
 O infortunio te acolheu ?

A sorte que te desterra
 A mim tambem desterrou;
 O presidio que te encerra
 Não sabe o mal que causou !

Eras a rosa em botão,
 Eras a gotta de orvalho,
 Que procurava agazalho
 Dentro do meu coração.

« Voa ! » dizia-te a lua,
 Sahindo do seu docel,
 « Assim mesmo quasi nua
 Nas azas do meu corcel.

Eras o disco a brilhar
 N'um claustro dominicano,
 Hero o amante a procurar,
 Nas crespas ondas do Oceano.

Sóbe, não queiras que o vento
 Te esmague o calice, ahí :
 Sóbe mais, que o firmamento
 Quer estar perto de ti.

Não sabe o mundo tambem
 Como me pesa este lenho ;
 Se te fallar ainda venho
 E' só por te querer bem.

Deus te quiz a outro ligada,
 A mim ligado á outra quiz ;
 A ti te fez desgraçada,
 A mim me fez infeliz !

P'ra qualquer parte onde vá
 A alma febril de meu canto,
 Rios e rios de pranto
 O céu sómente lhe dá .

O silencio me acompanha,
 A desgraça me conduz,
 E caio aos pés da montanha
 Ao peso da minha cruz.

Pergunto a todos quem és,
 Que sentença estou cumprindo,
 Para que viva carpindo
 E passe a vida a teus pés ?

E, fitando o astro tristonho
 Que a nuvem desfaz, além...
 Perguntaste-me se o sonho
 E' como a nuvem tambem...

Ave, que o vento colheu,
 Onde fizeste teu ninho ?
 Em que ramo, passarinho,
 O infortunio te acolheu ?

A sorte que te desterra
 A mim tambem desterrou;
 O presidio que te encerra
 Não sabe o mal que causou !

Eras a rosa em botão,
 Eras a gotta de orvalho,
 Que procurava agazalho
 Dentro do meu coração.

« Voa ! » dizia-te a lua,
 Sahindo do seu docel,
 « Assim mesmo quasi nua
 Nas azas do meu corcel.

Eras o disco a brilhar
 N'um claustro dominicano,
 Hero o amante a procurar,
 Nas crespas ondas do Oceano.

Sóbe, não queiras que o vento
 Te esmague o calice, ahí :
 Sóbe mais, que o firmamento
 Quer estar perto de ti.

Não sabe o mundo tambem
 Como me pesa este lenho ;
 Se te fallar ainda venho
 E' só por te querer bem.

Deus te quiz a outro ligada,
 A mim ligado á outra quiz ;
 A ti te fez desgraçada,
 A mim me fez infeliz !

P'ra qualquer parte onde vá
 A alma febril de meu canto,
 Rios e rios de pranto
 O céu sómente lhe dá .

O silencio me acompanha,
 A desgraça me conduz,
 E caio aos pés da montanha
 Ao peso da minha cruz.

Pergunto a todos quem és,
 Que sentença estou cumprindo,
 Para que viva carpindo
 E passe a vida a teus pés ?

Não julgam peitos humanos
Que se ame e se soffra assim,
E que durante vinte annos
Tenhas passado sem mim.

Pensam que minto, talvez,
Que estou faltando á verdade :
Não ha no mundo saudade
Que mate só de uma vez.

Sorte, como a minha sorte,
Ainda se não viu igual :
Receio que a propria morte
Aggrave e não cure o mal.

D'estas chammias infernaes
Nasceram as minhas dôres.
Ai! ferem mais que os das flores
Os espinhos de meus ais !...

De um crime, que desconheço,
A pena estou a soffrer.
Ha muitos annos padeço,
Não posso mais padecer.



EPICEDIO

I

PARA cantar a morte, vem, ó Musa,
A' vertente dulçisona e perenne,
Com soluços na voz como Creúsa,
Com lagrimas no olhar como Ximene.

Vem ! Sobre a lagea fria e solitaria
Relê os versos que escreveste outr'ora,
E ao vôo ardente da esperanza varia
Inspira uma alma que o pezar devóra.

Vem ! Já não posso ! A angustia, que me mata
Vai-se tornando cada vez mais dura :
Nas mais doces lembranças me maltrata,
Nas afeições mais caras me tortura !

Vem ! Sobre a terra paira a sombra augusta
Do Deus que os olhos nos encheu de treva,
E enquanto, ó Musa, a sua mão injusta
Abate o pobre e o potentado eleva ;

Canta, e minóra a dôr que me consome,
Canta, e um pouco de luz aos astros pede :
Minha bocca de bláspemo tem fome,
Meu coração de réprobo tem sêde !

Vem ! e desse martyrio o ferreo arrocho
Embrandece na estancia derradeira.
Não consintas que o prácebo do mocho
Emmudeça o sabiá na laranjeira.

Esquecido de todos e de tudo
A' porta da minh'alma archejo e exhorto ;
Empurro-a, e encontro o santuario mudo,
E aos pés da cruz o celebrante morto.

II

Emigraram do altar santas e santos,
Do culto pristino apagando os traços ;
E vejo amontoadas pelos cantos
Lampadas frias, hostias em pedaços.

O' terra, mãe avára, ao frio seio
Recebe estas reliquias sacrosantas ;
E não deixes que o sol, do valle em meio,
Devore os ninhos e calcine as plantas.

Guarda no coração meus ais sentidos
Da aragem fria aos hybernaes bafejos :
Levai-os ! São meus ultimos gemidos !
Levai-os ! São meus ultimos harpejos !

Embala-me ainda na cruel voragem
O casto amor que me embalou na infancia,
E percorre a bucolica paizagem
Da sua prece a dolorosa estancia.

Do fresco orvalho o açucenal carinho
Em segredo repete-me a quebrada ;
E o seu descante vai de ninho em ninho,
De ramo em ramo, soluçar na estrada.

Por não chorar nos descampados valles
As rosas estivaes perdem as côres :
Dá-lhes, Senhor, o que contém meu calix ;
Que elles reguem com lagrimas as flôres.

A vida estúa em toda a natureza
E moirejam nos bosques as phalenas.
Só minh'alma, infeliz, conservais presa,
Fados tyrannos, em continuas penas.

Nunca a sua imagem se nos obliterou na memoria. A nossa poesia espraia-se nesse estuario.

Quem inspirou este livro foi um incentivo, uma arma de que nos serviamos para resistir ás innumeradas tentações do mundo. Parecia-nos que qualquer acto nosso que não accordasse com o fundo moral da nossa idealisação não correspondia de todo ás pretensões da arte a que nos havíamos dedicado. Foi assim procedendo, que nos sentimos venturosos, isto é, porque eramos bons e ternos para os fracos.

Toda a expansão ou florescência da belleza physica de *Sarah* se nos tornou interdicta.

Adivinhava-a o verso e seguia-a, fossem quaes fossem os accidentes da jornada. Para nós, si fomos egoistas, antes a houvessem levado desta vida, como aconteceu á Beatriz e Laura.

Muitos poetas lucraram com essa ausencia implacavel e absoluta da mulher amada.

Um 19 de maio é sempre um bom signal para os artistas, a despeito das suas côres funebres. O que se perdeu de carinhoso, de meigo, de suggestivo, ao ponto de vista da posse material, ganha-se no culto, na expressão abstracta, na fórmula complexa e inacessivel aos espiritos vulgares.

D'ahi, porventura, essa velha ogeriza que os burgoezes votam aos artistas.

Como é differente um corpo de mulher visto através das lentes magicas da imaginativa poetica! A

sympathia natural do artista para os sentimentos absorventes; a confissão constante dessas encantadoras ninharias; os impulsos desesperados da sua sensibilidade exaltada diante de tudo quanto lhe é contrario, os incidentes quasi inverosimeis da sua vida ou da sua sorte, tão mal aquinhoada, pelo lado grosseiro do interesse, tudo isso, que é tão grande e doloroso ao mesmo tempo, não pôde ser um sonho passageiro — è *breve sogno*, mas os principaes elementos da arte ou a sua só vitalidade. Assim é que o artista nunca se deve arrepende de haver entremostrado ao homem a mysteriosa porção da natureza que lhe foi vedada. E' esse o seu papel na creação. Adivinha o que ha em tudo. Victor Hugo chamava a certos estados d'alma — conversar com Deus — *Je vais causer avec Dieu*. E de facto: é um recolhimento em que a meditação sobreleva todas as outras faculdades. E' o pleno dominio do sonho; é a poesia lyrica; a que tudo entrevê, a que está destinada a designar as cousas mais obscuras.

O lyrismo é a reunião dos espiritos mais oppostos em todos os pontos do espaço, em todos os momentos da historia, apezar das maiores diversidades e costumes, de religião, de governo. *Sarah* — é um épodo, é um hymno, é um poema.

Um traductor de Horacio concebeu a poesia lyrica deste modo: como o Pantheon antigo, é um templo de cem portas, abertas a todos os homens, cuja imaginação

III

Se o proprio Deus é injusto e rancoroso,
 Para quem appellar nesta emergencia?
 Enquanto o mundo applaude o criminoso,
 No tribunal condemna-se a innocencia!

Afivela uma mascara discreta
 Ao rosto, e segue adiante, ó juventude!
 A hypocrisia deve ser completa
 P'ra ser prezada como uma virtude.

Contra a pobreza esquálida a arma aponta
 E o valetudinario insulta e opprime:
 Ser mais nobre que os nobres, é uma affronta,
 Ser mais honrado que o tyranno, é um crime.

Se a mão tábida e vil o altar profana,
 Que tem que a bocca réprobo me chame!
 Eu vos desprezo, hypocrisia humana!
 Eu vos odeio, humanidade infame!

Mas tu, que em meio ao temporal deixaste
 Na minha vida um traço luminoso,
 Estás sempre a sorrir contente na haste
 E no polen de um verso perfumoso.

Foste tu, foste tu, que amar fizeste
 Meu coração os páramos supremos,
 E, contemplando as arvores disseste
 Aos meus ouvidos, tremula: « Sonhemos. »

Foste tu, foste tu, que, despertando,
 Meu ser ás vozes de uma noite calma,
 Soltaste, entre dois beijos, gorgeliando,
 Esta calhandra dentro da minh'alma.

Batendo as azas, trépida e saudosa,
 Quer partir para climas mais risonhos,
 E ensinar á collina venturosa
 A musica dos teus primeiros sonhos.

Quer ir buscar-te, quer pedir-te um canto,
 E suspirar no accorde de uma endeixa,
 E ver correr o teu divino pranto
 Por entre as silvas de remota queixa.

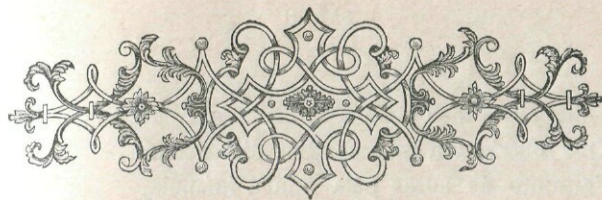
O' da illusão os magicos folguedos!
 Toda a angustia se esvahe, quando appareces!
 Trazei-me, virações, os seus segredos,
 Levai-lhe, virações, as minhas preces.

Que brilhantes castellos construimos,
 Vendo fulgir no mar as ardentias!
 Com que extase fitavamos os cimos
 Azulados das altas serranias!

O espaço aos nossos olhos parecia,
Debruçar-se dos morros constellados,
Se um suspiro a crysálida entreabria
Dos teus purpureos labios perfumados.

Os desejos da flor, que suspirava,
No caule verde e tremulo subiam,
E com o luar, que a esphera illuminava,
Para as bodas das Piérides partiam.

O' inconstante e lirial criança,
Luz dos meus olhos, sol do meu retiro,
Vê neste sonho a ultima esperanza,
Vê nestes versos o ultimo suspiro!



ROSA DE JUNHO

A o neptunialio alvor nayades quérulas,
Vão os profundos paços visitar,
Com as cabeças cheias de luar,
E os collos virginaes cheios de perolas.

Incautas virações, saudosamente,
Despedem-se dos passaros da ermida;
E o pranto sóbe ao seu olhar dolente,
E um triste adeus á sua voz sentida.

Da terna patativa o chilro nemure
Calma-me o coração, quasi a morrer.
Mas, após, se me enrosca, á vida, ao ser,
A pupilla nyctalope do lemure.

Sóbe ainda aos velhos troncos a fragrancia,
 Que outr'ora a sua sombra alli deixara.
 Pergunto ás auras pela minha infancia,
 Pergunto aos bosques pela minha Sarah.

Cruel engano o meu, ao caule rórido
 Pedir noticias desse casto amor,
 E ir gemer no vergel a minha dor,
 E o coração plantar no valle flórido.

Blasfemias infernaes enchem-me a bocca,
 Recordações crueis batem-me á porta ;
 E a neve cresta uma alma, quasi louca,
 E o musgo cobre uma harpa, quasi morta.

Do sol do estio os fúlgidos venábulos
 Para os meus sonhos já calor não têm,
 E só veneno e lagrimas contêm
 Os rutilantes, gualdos acetabulos.

Rosa de Junho, em plena florescencia,
 Rosa, filha do amor e da saudade,
 Foi um suspiro a tua adolescencia,
 Foi um soluço a minha mocidade.



DOLOROSA ESPERANÇA

NÃO voltarão mais os dias
 Em que os campos percorrias
 E á relva fresca pedias
 Mais orvalho e mais amor.
 Morreram quasi esquecidas,
 As pallidas margaridas
 Nas sombrias avenidas
 E nas campinas em flor.

Restos da antiga opulencia,
 Levas a tua indigencia,
 E a desgraçada demencia
 Aos perfumosos vergeis.
 E os espinheiros da estrada,
 Como resposta á ballada,
 Deixam-te a veste rasgada
 E lacerados os pés.

Teu triste e saudoso canto,
 Não faz deslizar o pranto,
 Nem tem mais o mesmo encanto,
 Que parecia ainda ter.
 Esquecido peregrino,
 Segue, segue o teu destino,
 Que é correr atrás de um hymno,
 Sem nunca, nunca o aprender.

Aquella que hoje procuras,
 Entre as brancas sepulturas,
 Causa das tuas torturas,
 Muito longe agora está.
 O teu sonho de proscripto,
 O teu coração afflicto,
 O teu olhar e o teu grito
 Não podem ir até lá.

Na argila em que o céo a prende
 Minh'alma os braços estende,
 Supplica, ninguem a attende,
 No meio da multidão.
 E a sorte má e mesquinha,
 Vendo o amor que ella me tinha,
 Pegou da pobre rainha
 E encerrou n'uma prisão.

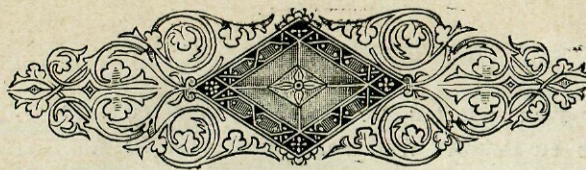
Ella era boa e constante,
 E me queria bastante
 Para achar que o seu amante
 Valia mais do que um rei.
 Ganhou a sorte a partida,
 Mas fica certa, querida,
 Que durante a minha vida,
 Outra mulher não amei.

Arvoredos solitarios,
 Abandonados sacrarios,
 No fundo dos campanarios
 Cantai commigo, cantai.
 Minha lyra peregrina,
 Que o seu olhar illumina
 Na corrente crystallina,
 Gemendo e chorando vai.

Soluça de plaga em plaga,
 Ergue no oceano uma vaga,
 Abre na vaga uma chaga
 E continúa a carpir.
 O sonho as nuvens devassa,
 E a minha grande desgraça
 N'uma ardentia que passa,
 Deixa outra dor a luzir.

No bosque o passaro canta,
 No azul o sol se levanta
 Mas a voz da minha santa
 Vem meu clamor abrandar.
 Querida, volve aos meus braços,
 Andorinha, parte os laços,
 E vem, rasgando os espaços,
 No meu coração pousar.

Ah! dolorosa esperança,
 — Chrysis que ás chammas se lança —
 Não sabes que essa criança
 Eu nunca mais encontrei?
 Ganhou a sorte a partida,
 Mas fica certa, querida,
 Que durante a minha vida
 Outra mulher não amei....



A LAGRIMA E A ESTATUA

CRIME ou loucura? Nem sei eu já o que foi!
 Tinha a sorte, talvez, de andar como Edgard Pöe,
 E presa á minha mão, como á sua, a mão fria
 De uma duvida atroz, que me fazia erguer
 Um *toast* singular, onde a dor e o prazer
 Têm a mesma agonia!...

Pallido, triste, eivada a alma de pesadelos,
 Sentindo-te o calor, beijando-te os cabellos,
 Como um louco uma sombra,
 — Minha estulta paixão com delirio abraçava
 A luz que esplandecia e se desenrolava
 Pelo xairel da alfombra...

Tomava-a por teu corpo. E a tua nivea mão,
 Que eu deixava ficar sobre meu coração
 — Sombrio como o mar, e, como o mar — profundo,
 — Mar, que de solidões e lumaréos dispõe —
 Lembrava-me, que angustia! a vela que se põe
 Nas mãos de um moribundo!

Que gozo e que tortura! Em cada gotta d'agua
 Eu via reflectir-se a minha velha magoa,
 Mas risonha e contente...
 Parecia dizer aos venturosos: « Vejam,
 Como o sol me procura e os passaros adejam
 Sobre mim, docemente! »

Quando á razão voltei, e meus labios febris
 Sentiram a nudez ao gélido matiz,
 Que avelludava o seio ao gramado faiscante,
 Como Electra clamei, como Orestes fugi,
 E garnachas e esvãos e alpondras percorri,
 Livido e agonisante!

Arrastando meu corpo aos pés dos velhos cyrios,
 Pávido, ia rolar, coroado de martyrios,
 Nas immundas sargetas!...
 E só por tua causa, ó meu inferno amado!
 Fiquei sendo no mundo o homem mais desgraçado,
 O mais vil dos calcetas!

Dobra o sino da torre. Ajoelham-se os fieis...
 E' a Ave-Maria. No ar, ha um rumor de bureis...
 Rezam... Como é solemne esse recolhimento!...
 Só eu não sei erguer minh'alma á cruz do altar,
 E abrir o coração ao vosso augusto olhar,
 Astros do firmamento!

Thuribulo de amor, que a omnipotente chamma,
 Em fulvo incenso espalha, o balsamo derrama
 Da Morte, em meu caminho!
 Como ha de a flor viver se não tem sol a terra,
 Como ha de o pobre cêgo ao pincar da serra,
 Senhor, subir sósinho?!

Que Glócester, á noite, o braço encontrará
 De um Tom, que o erga e conduza á clareira onde está
 Lear, dansando, rugindo e ao céu mostrando o punho?
 Que sorriso de Eloah, que bocca feminil,
 Com um beijo, mudará n'uma manhã de Abril
 Minha noite de Junho?

Pallidamente, a lua o reflexo mortuario,
 Como na velha cruz de um velho campanario,
 Derrama-me na frente.
 Sou o echo de uma voz, perdido n'uma estrada,
 A lagrima que prende a estatua abandonada
 A' nuvem do horisonte!...





QUINTETTO

A ALAMEDA

O' divina canção! O' magoado queixume!
Toda a minha existencia a tua voz resume!
Crenças, saudades, dores,
Nos méstos hypogeos das aves e das flores.

UMA GRINALDA DE NOIVA — FANADA

Grinalda de botões de laranjeira,
Levei-a ao templo, pensativa e bella.
Vi-a enxugar a lagrima primeira
E maldizer a virginal capella.

Um nome murmurou, queixosa... Um beijo,
 Entre suspiros, desfolhou no espaço.
 E disse: O' esperança! o meu desejo
 Era, inclinada á curva de seu braço,
 Sentindo n'alma ainda o seu bafejo,
 Morta cahir n'um derradeiro abraço.

A TARDE

Como eu, tristonha e só, vive scismando
 Não sei em que longiquos paraísos.
 Se a quero ver sorrir, vejo-a chorando:
 —A desgraçada já não tem sorrisos!

As violetas pizadas de seus olhos
 Derramaram-se em torno de dois cyrios;
 Para uns, a terra erriça-se de abrolhos,
 Para outros, engrinalda-se de lyrios.

Cantor, meu pobre irmão, por que motivo
 A abandonaste entre lethaes espinhos,
 P'ra andares, sem saber, si és morto ou vivo,
 Dilacerando os pés pelos caminhos?

Cantor, meu pobre irmão, em que avenida,
 Em que lindo painel seu lindo rosto
 Te debuxou o alvorecer da vida
 Com as funebres tintas do sol posto?

Misero que a mortalha das saudades
 A alma p'ra sempre regelou no estio,
 De escuro carcere através das grades
 Vês em Dezembro o sol tremer de frio.

AS FLORES

O seu sorriso era doce,
 Como é doce a seiva da haste;
 A aza do anjo profanaste,
 O véo da virgem rasgou-se.

Teu coração é um goivo
 Que na alameda suspira.
 A noiva ficou sem noivo,
 O noivo ficou sem lyra.

Em logar de seu sorriso,
 Em vez de seus olhos ternos,
 Deus poz todos os infernos
 Dentro de teu paraíso.

Invocal-a? que loucura!
 Não notaste que o seu nome
 Cada vez mais te tortura,
 Cada vez mais te consome?

O POETA

Em que bosque, em que estrella, em que nuvem serena
 Achar pudera allivio á paixão que me segue ?
 Se digo ao valle: « Julga »! o valle me condemna.
 Se digo á noite: « Escuta »! a noite me persegue.

Subo morro por morro, ando terra e mais terra
 Sem ouvir uma voz, sem encontrar um pouso ;
 E é um ninho de sabiás o amor que esta alma encerra,
 E um ninho de reptis o leito em que repouso.

Louco fui. Arrastei minha face de monge
 Nas salsugens do mar, nos saibros do deserto.
 Como Dante, fitei o meu Eden de longe,
 Como Tasso, segui o meu Orco de perto.

De Plowmann o tambor fatídico e cruento
 Ouvi rufar como um trovão inopinado.
 No emtanto, em cada olhar sorria o firmamento,
 E á cada flor enviava um raio apaixonado.

Ella ha de ouvir por fim a minha voz tristonha,
 Minha guzla gemer nos combros do caminho.
 Não mancha a quem sorri, nem profana a quem sonha
 A aza que um coração leva, cantando, ao ninho...



LUA BRANCA E SERENA

LUA branca e serena, astro puro e tristonho,
 Luar das paixões, querido luar,
 Dá-me uma gotta só do teu divino sonho...
 Quero outra vez morrer, quero outra vez amar.
 De espectro horrendo a furia aplaca
 Luar das paixões, querido luar !
 Teu sorriso é tão bom... minha luz é tão fraca...

Quero amar, quero amar, quero morrer de amor...
 Enterra-me de novo a garra palpitante,
 Que desangra e nos faz desfallecer de amor !
 Dá-me, dá-me a beber desse vinho espumante,
 Que nos mata, por fim, sem nos querer matar,
 Luar das paixões, querido luar !...





OUVE

MAS é preciso, terna companheira
De desventuras, pela vez primeira
Nesta vida illusoria,
Ao sol que surge e os sonhos incinera,
Arrebatat um raio á primavera
E contar-te uma historia.

E, revendo os passados esplendores,
Apanharemos, Sarah, as mesmas flores,
Que juntos apanhámos.
Se nos fôr dado ainda sonhar — sonhemos,
Apezar dos martyrios que soffrêmos,
Do pranto que chorámos.

reinou no mundo, aos prophetas hebreus, como aos elegiacos pagãos, ás canções de Anacreonte, como aos hymnos do christianismo, ás poesias sacerdotaes que fundam as religiões, como ás poesias pantheistas que os destroem, aos legisladores lyricos, como aos lyricos revolucionarios, aos que outr'ora governaram as republicas, como aos que a prudencia antiga dellas queria banir. A poesia lyrica é a patria de todos os poetas. Todas as grandezas, todas as graças, todas as fraquezas, todas as loucuras da imaginação poetica do homem são seus avatars, são aspectos differentes por onde elle pôde ser estudado.

Lembra o autor, com razão, o pensamento consollador de Pascal: ha palavras tanto mais claras quanto são menos definidas.

Onde quer ir o poeta com a sua ode, com o seu idyllio gracioso? A tudo que Deus animou com o seu sôpro.

Em *Sarah* ha toda uma complexidade de impressões. Sendo a encarnação viva de um sonho desfeito é, por isso mesmo, o melhor dom de sua factura.

Ah! tudo deve originar-se de um sentimento doloroso. E' com as tintas suaves da melancolia que a arte idealisa os seus quadros. Não se perde a mais pequena particula d'esse esforço na angustiosa elaboração das idéas. Sentir, descrever, animar a verdade; obrigar-a a crear no espirito do leitor novas perspectivas, trazendo-o para o campo das suggestões apreciaveis; ser

o seu companheiro, o seu guia, a sua expansão e a sua estabilidade, eis o que é mister que a poesia realise, seja qual fôr o meio, seja qual fôr a situação, seja qual fôr, em summa, a temperatura moral de um povo. Deixem ao poeta toda liberdade, pois na liberdade está o grandioso.

Qu'importam os seus excessos; o excessivo, é o mais poderoso de todos os laboratorios de idéas. As sciencias vieram provar que o que excede a razão e seduz a curiosidade instinctiva do homem é a que soberanamente governa os mundos, alimentando-os e devorando-os, no seu fluxo e refluxo, na sua irradiação e compressão, no seu amago e na sua crosta, na sua flóra e na sua fauna.

Parece existir em todas as cousas um desejo de se desnudar, de se entregar ao homem — Por isso é que, muitas vezes, o que aos outros parecerá um excesso não é mais do que a realidade, vista por uma intelligencia mais clara, e por uma lente melhor.

Dizer que não comprehendem um poeta quando elle transpõe a linha da vulgaridade é confessar-se mediocre.

A arte é feita de dois mysterios: um interior, outro exterior: — um, que está acima, outro que está abaixo; ambos, porém, em nós. Victor Hugo, toma ao acaso dous poetas: — Lucrecio e Shakspeare. E d'esse confronto deduz a arte. Lucrecio é a esphera, Shakspeare é o globo.

I

Tinhas quinze annos apenas,
 Quinze adoraveis phalenas,
 Poisadas no mesmo galho.
 O sol, brilhante e risonho
 Gostava de ver-te o sonho
 Todo irisado de orvalho.

O Parahyba corria
 E os verdes prados lambia,
 Como um lúbrico sultão.
 E a tua estranha belleza
 Servia-se da pureza,
 Como a rosa do botão.

Se me beijavas o rosto,
 Virgem de todo o desgosto,
 Como o oceano a nuvem flava,
 Olhos nos meus esquecidos,
 Labios nos teus embebidos,
 Adormecido ficava.

Achava-te ainda mais bella,
 A mais ingenua donzella
 De quantas ha visto o sol.
 Qu'importava que chorasses
 Se o pranto te dava ás faces
 A irradiação do arrebol ?

Tinhas ciumes de tudo,
 Mas, ciumenta, comtudo,
 Eras travessa e risonha.
 Por isso, rindo dizias
 A's outras que aborrecias
 Toda belleza tristonha.

De facto, luz mais ethérea,
 Apparição mais aérea,
 E mais pura nunca vi.
 Lembrava a assucena, quando
 Lhe furta um beijo, passando,
 O volubil colibri.

E' raro haver em criança
 Tanto amor, tanta esperança
 E tanta alegria juntas !
 Se adoecias, teus desejos,
 Eram cercados de beijos,
 De cuidados, de perguntas.

Quando uma vez desmaiaste,
 O susto que me causaste
 Foi tal, que cuidei morrer!
 Tanto que, depois, coitadas!
 Diziam-te as camaradas:
 « Melhor não se pôde ser ! »

Tudo era um hymno festivo
 Sobre a fronte do captivo,
 Sob as plantas da senhora.
 Vivia n'um céu aberto,
 Mas o céu ficou deserto
 E só tem sombras, agora.

Encantado tempo aquelle!
 Se vou passando por elle
 Cytharas de menestreis,
 Guzlas e outros instrumentos
 De harmoniosos accentos,
 Tocando, beijam-me os pés.

Respira-se um ar mais puro
 E, esquecendo-se o futuro,
 Entra-se em pleno passado.
 Tu chegas e eu vou contigo,
 E como Edipo prosigo,
 Sobre o teu hombro apoiado.

Vamos... A tua casinha
 Conserva o aroma que tinha
 E o mesmo aspecto jovial;
 Ao fundo — as mesmas roseiras,
 As cheirosas trepadeiras,
 E junto ao tanque — o pombal.

Mas reparo que estas flores
 Pensam que os nossos amores
 São clandestinos!... Que tôlas!
 Ainda outro dia, notaste?
 Quando o rosto me beijaste,
 O espanto das pombas rôlas?

Tu és minha, e eu te pertença,
 Como ao thuribulo o incenso,
 Como ao luar as solidões.
 Pois uma tarde sósinhos,
 Ao canto dos passarinhos,
 Trocámos os corações!

Por isso é que padecemos
 E os mesmos golpes soffremos
 Da injusta e arriscada sorte.
 Noivos fomos nesta vida,
 Mas só seremos, querida,
 Casados depois da morte.

II

Como uma dhulia secreta,
 Que ao tabernaculo o asceta,
 Envia, pensando em Deus,
 Minh'alma, ao sol que desponta,
 Dolente e saudosa conta
 Os meus amores e os teus.

Na cidade de Rezende,
 Que á margem de um rio estende
 As suas verdes campinas,
 Nasceste, Sarah formosa,
 Como uma pallida rosa,
 Entre frouxeis de boninas.

Realçavam-te os cabellos,
 Uns olhos negros e bellos,
 Uns labios côr de carmim.
 Thetis nas ondas bravias,
 Não corre como corrias
 Nas ruas do teu jardim.

O canto das arapongas,
 Nas tardes tristes e longas,
 Enchia o bosque de queixas,
 E ouviamos no arvoredado
 O canóro passaredo
 Gemer sentidas endeixas.

Tinhas um porte gracioso,
 Um coração amoroso,
 Como era o de Beatriz;
 Mas o teu misero amante,
 Sendo menor do que o Dante,
 Foi muito mais infeliz.

Não nos quiz unir a sorte,
 E o teu futuro consorte
 Foi condemnado, sem crime.
 E o mundo, aváro e inclemente,
 Olha, indifferentemente,
 Para a dor que nos opprime.

Que injustiça commettestes!
 Quantos templos recebestes,
 Duros e impiedosos céos,
 Para entregar aos felizes
 Dois corações infelizes,
 Como se foram trophéos?

Passámos a mocidade
 Nessa pequena cidade,
 Que o Itatiaia engrinalda,
 E onde o Parahyba as vestes,
 Entre espinheiros agrestes,
 Com magestade sofralda.

Quantos castellos risonhos
 Construíamos em sonhos,
 Deixando-os cahir depois!
 Quanto enlevo não continha
 A voz da brisa que vinha
 Cobrir de folhas os dois!

O ébano das tuas tranças
 Doiravam as esperanças
 Com o seu divino reflexo;
 E davam novos desejos,
 Novas azas, novos beijos,
 Aos colibris do teu sexo.

O nosso doce retiro
 Nunca escutou um suspiro,
 Nunca hospedou uma dor.
 Decorava os nossos cantos,
 Tinha todos os encantos,
 Dos arvoredos em flor.

Ouvias o que eu dizia,
 Fazias o que eu queria,
 Pensavas como eu pensava.
 Quantos não te invejariam,
 Quantos reis não quereriam
 Possuir uma tal escrava!

Nova, pura, immaculada,
 E, além de tudo, adorada
 No mundo como ninguém,
 Ias colhendo na terra
 Todo o bem que a vida encerra,
 Toda a luz que o sol contém.

Ai! beijos á sombra meiga
 Dos jasmineiros, que a veiga,
 Pasma e surpresa deixavam!
 Luares cheios de mysterios,
 Harpas, cytharas, psalterios,
 Que as nossas nupcias saudavam,

Já vos não ouço! A tristesa
 Governa a minha pobreza,
 A solidão onde estou...
 Canta! Que ao menos a gloria,
 Te restitua á memoria
 Tudo o que o amor te usurpou.

III

Ser immortal ! Ser mais forte
 Do que o tempo, do que a morte,
 Que os velhos cedros esmaga !
 Sobreviver aos atlantes,
 A's crateras fumegantes,
 Que a aza de um insecto apaga !...

Ser aguia, e estar em Marengo,
 Exhumar o genio avoengo
 Da mesma raça que os sóes !
 Ser Shiller e o pensamento
 Lançar ás azas do vento
 Ao clarão dos arrebóes !...

E ouvir depois, como Brutus,
 Cujos louros impollutos
 Os seculos não consomem,
 Estípites e renovos
 Bradarem juntos aos povos !
 " Venerai-o, foi um homem ! "

Levantar um novo Templo,
 Seguir de Cicero o exemplo,
 Prégando a moral e a lei,
 Eis a maior das riquezas,
 A mais nobre das nobrezas
 Que póde aspirar um rei.

Adorar o sol que nasce,
 Ferir o abutre rapace
 No coração sanguinario ;
 Curar a chaga ao afflicto,
 Dar um carinho ao proscripto
 E uma idéa ao proletario !...

Resolver mesmo um problema,
 Por mais difficil, n'um poema
 Com arte e imaginação ;
 Ser fraco para as crianças,
 Mas forte para as vinganças
 Da criminosa ambição !...

Ou, desvendando os arcanos,
 Desses dois vastos oceanos,
 A alma humana e o céu profundo,
 Deixar, coberto de louros,
 Como Colombo, aos vindouros,
 A herança de mais um mundo ;

E' ser poeta. A gloria o toma,
 E elle entre os deuses assoma,
 Como um irmão que voltou.
 E só então avalia
 Quanto é fecunda a poesia
 Que uma desgraça inspirou.

Oh! arte, mãe dolorida,
 Grande Niobe pendida
 Sobre a ventura passada!
 Pastora dos nossos sonhos,
 De olhos negros e tristonhos,
 Não me abandones na estrada.

Não fujas ao meu carinho.
 Quanto mais o teu espinho
 Nos fere, mais gozo traz.
 Teus golpes rasgam-nos a alma,
 Mas é dor que nos acalma,
 E' mal que só bem nos faz!

E' a saudade e a esperança
 Que se guarda na lembrança
 Como o perfume n'um vaso.
 Luz da manhã transparente,
 Trocando o berço do Oriente
 Pelo tumulto do Occaso.

Ao fragor da tempestade,
 Ao sôpro da adversidade,
 Nunca me deixas ir só.
 Se choro, enxugas-me o pranto,
 E offereces-me o teu manto
 Para eu não dormir no pó.

Virgem de olhos marejados,
 Toma-me os membros cansados,
 Guarda-os em teu acroterio.
 Levanta-me, estou exausto,
 Quero pairar como Fausto
 Muito além do cemiterio.

Acalenta-me o desgosto;
 Como Petrarca e Ariosto;
 Eu sou teu filho tambem.
 Se poeta o mundo me acclama,
 E' que dentro a mesma chamma
 A minha argila contém.

Não se nega ao gaturamo
 A meiga sombra de um ramo,
 Quando a noite vem cahindo...
 Se vivi sempre chorando,
 Deixa-me morrer sonhando,
 Deixa-me viver sorrindo.

IV

O teu somno, doce amante,
 — Estrella d'alva distante
 Embalam os azaphins...
 Queimam o incenso ao teu lado,
 N'um grande vaso lavrado,
 Enxames de seraphins.

Vela-te a face córada
 Uma nevoa immaculada,
 Que não póde ser da terra!
 E a tua bocca pequena,
 Humida, rosea açucena,
 O mesmo sorriso encerra.

Pelos bambolins do sonho
 Um anjo, louro e risonho,
 Espreita a curva do céu.
 E, precipite, se esconde,
 Como a lua n'uma fronde,
 Como o sol n'um coruchéo!

Talvez que o teu pensamento,
 Errando á mercê do vento,
 Torne, sorrindo, ao passado,
 Onde o nosso amor descansa,
 Como uma pobre criança
 N'um caixãozinho enfeitado.

E, longe de suavisares,
 Os redobrados pezares,
 As profundas amarguras
 Da minha vida — inclemente,
 Ao fel da minha corrente
 Mais uma gotta misturas.

Mas, como as aves gorgciam,
 E os caramancheis se arqueiam
 Sobre a tua fronte calma!
 Como os gárrulos desejos,
 Imitando os zagalejos,
 Te encham de antiphonas a alma!

De bándolas enfunadas,
 Pelas arçgens tocadas,
 Minhas estrophes febrís,
 Fogem, alegres, cantando,
 E eu lhes pergunto, chorando:
 Meus sonhos, porque partis?...!

Ris, papeias e engrinaldas,
De topasios e esmeraldas
Esse planalto sombrio ;
E com as venustas Almeias
Haures o mel das colmeias,
Segues a ondina do rio.

Ainda és a mesma menina :
Tua garganta divina
Tem o mesmo rouxinol,
Gorgeando todos os dias
As minhas pobres poesias,
Quando nasce e morre o sol.

As amarilis versutas,
Brincando dentro das grutas,
Querem que as siga e te esqueça.
Embora! Se o esto se apaga,
Minha lyra é como a vaga,
Não ha nada que a emmudeça!

Se não ha bem que a conforte,
Sarah, tambem não ha morte
Capaz de a fazer calar.
O incenso ardente do nardo
Na minha assénona guardo
Para depois te offertar.

Quando o crepusculo corre
Pelos gorotís da torre,
Entoando aos montes e aos valles
O « De Profundis » do dia,
A dolorosa elegia
Offerece-me o seu calix.

As miragens do deserto
Pelo horisonte encoberto
Desapparecem além...
Oh! nuvens enganadoras!
Oh! immortaes Eleonoras,
Fostes perjuras tambem?

Vossos amantes trahistes?
Vossos beijos repartistes
Com trovadores diversos?
Lauras! os vossos encantos,
Enchem de fel nossos prantos,
Enchem de dor nossos versos!

Apezar disso, cantamos,
E aos vossos pés desfolhamos
Tudo o que o berço nos deu.
E quanto mais padecemos
Mais esse inferno queremos,
Mais amamos esse céu!

V

Mas, incansavel romeiro,
 Porque, á sombra do salgueiro,
 Foste repousar a fronte,
 Se o laranjal te embalava,
 Se a estrella te acompanhava
 Da penumbra do horisonte?

Os colibrís amorosos,
 Os corações venturosos,
 Têm seus eclipses tambem ;
 Mas são chuvosos e eternos,
 E os mais rispídos invernos
 As suas trevas contém,

Cégo tornei-me um momento,
 Cerrou-se-me o pensamento,
 E fugi allucinado.
 O coração me dizia :
 « Tem dó da minha agonia,
 Que vais fazer, desgraçado ?

Ama-te, sim, e te espera...
 Parte e volta. A primavera
 Palpita cheia de luz.
 Teu amor no céu fulgura,
 Não pertence á sepultura,
 Nem se préga n'uma cruz.

O teu orgulho te engana.
 A felicidade humana
 Só o primeiro amor encerra.
 Mas se de todo quizeres
 A mais pura das mulheres
 Por outra esquecer na terra,

Verás, com surpresa e espanto,
 A corrente de teu pranto
 Empolgar-te o coração.
 O céu mudar-se em tormenta,
 O rio em bocca sedenta,
 E a benção em maldição !

As covas, de espaço a espaço,
 Ouvindo o som de teu passo,
 Dirão, torcendo-se em gritos :
 « Foge e busca outro repouso,
 Pois as covas não dão pouso
 Aos réprobos e aos proscriptos ! »

Ah! a terra me maldisse
 E, soluçando, me disse!
 « Teus bens serão confiscados! »
 E o coração, impiedoso,
 Como um sino doloroso
 Ficou dobrando a finados!

Vozes propheticas ouço
 Dentro do velho arcabouço
 Da minha imaginação,
 Contarem ás ternas flores
 A historia desses amores,
 Cultivados no sertão.

Como de Pelias a lança,
 Fere, mas cura a esperança
 Todas as feridas d'alma.
 Mas a saudade angustia:
 E' uma lenta agonia,
 Que nenhum bálsamo acalma.

E vai devorando, aos poucos,
 E amarra-nos, como loucos,
 A pesadelos crueis.
 E, á maneira de um guerreiro,
 Parte com um golpe certo
 Os mais rigidos broqueis.

O amor puro santifica;
 Como Lourenço e Jessica
 Na avenida de Belmonte.
 Cantei contigo ao meu lado,
 As borboletas do prado,
 As madresilvas do monte.

Lembras-te, Sarah, em gorgeios .
 Vinham os zephiros cheios
 De um perfumado languor,
 Cachinar nos teus cabellos
 Ou desfazer os teus zelos,
 Se eu apanhava uma flor!

Lembras-te, Sarah, sorriam
 As magnolias e entre-abriam
 A corolla ao meu harpejo.
 Que alegria! Que barulho!
 Que innocencia em cada arrulho!
 Que mysterio em cada beijo!

.....

Ha mais no globo que na esfera, na esfera ha o todo, sobre o globo ha o homem. Aqui o mysterio exterior, allí o mysterio interior. Lucrecio é o ser, Shakspeare é a existencia. D'ahi tanta sombra em Lucrecio, tanto formigamento em Shakspeare. O espaço, o azul não está por certo interdicto a Shakspeare.

A terra vê e percorre o céo, conhece-o sob os seus doces aspectos, obscuridade e azul, duvida e esperanza.

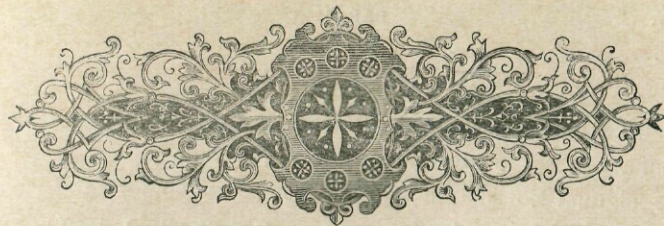
A vida vai e vem dia e noite. Toda vida é um segredo, uma especie de parenthese enigmatico entre o nascimento e a agonia, entre os olhos que se abrem e os olhos que se fecham. Este segredo — Shakspeare possui, como ella, a inquietação. Lucrecio é, Shakspeare vive.

Em Shakspeare, os passaros cantam, os espinheiros verdejam, os corações amam, as almas soffrem, a nuvem divaga, faz calor, faz frio, a noite cae, o tempo passa, as florestas e as multidões fallam, o vasto sonho ethereo fluctúa. A seiva e o sangue, todas as fórmulas do facto multiplo, as acções e as idéas, o homem e a humanidade, os vivos e a vida, as solidões, as cidades, as religiões, os diamantes, as perolas, os fumeiros, as carneiras, o flux e o reflux dos seres, o passo dos que vão e vêm, tudo isso está sobre e em Shakspeare, e este genio sendo a terra, saem delle os mortos. Que extravagancia de idéas, não acham? Pois assim escreveu um poeta e assim pensa outro.

Banville — a bandeira de misericórdia dos rimadores fracos, o mestre dos desclassificados, o santelmo das intelligencias frias, seccas e descarnadas, escrevia: a poesia tem isto de admiravel, não soffre, nem tolera a mentira. O poeta não mente, não deve mentir, é impossivel que elle minta, pois não pôde exprimir a alma sinão como de facto ella é; a sua macaquice não a pôde supprir e si esta alma não é entusiasta, exaltada, ardente de amor, não só em relação á patria, mas em relação a toda humanidade, si não é verdadeira, as estrophes não se evolarão em pleno azul, e o primeiro raio de sol derreterá miseramente a cêra de suas azas postiças.

Vejam agora como é tratado esse Banville pelo plectro mofino dos seus falsos discipulos, no Brazil. Entre nós fazer versos é uma diversão inoffensiva, um meio de matar as horas quando não é um perigoso agente de cynismo, de ociosidade, de vicio, de atrophiamiento das nossas melhores faculdades creadoras. Um rapazelho, sem cultura, delectante no francez e no mesmo vernaculo, arvora-se, de repente, em poeta, em critico, em romancista, e por ahi vae a escrever tudo quanto lhe vem á cabeça, deluindo e apagando a memoria nas casas de bebidas, perdendo a noção do brio, a energia moral, a consciencia e a responsabilidade de seus actos; apodrecendo o figado na cirrhose, a alma nas paixões baixas e o coração nas aventuras ridiculas!

Alma, ambiciosa e mesquinha,
 Que só maldade continha,
 P'ra sempre nos separou.
 E fez da noiva uma freira,
 E do amor a gargalheira
 Que ao passado me chumbou!



A EGREJINHA DOS PASSÓS

DE Abril, no entanto, a lua ia seguindo os passós,
 Leve, como o sendal cêrulo que a cercava;
 E, enquanto, dezeseis annos pelo meu braço,
 Desejosos de amor, pelas sebes levava;

Emquanto o mar, bem pertó, estrugia na areia,
 Depois que nos parceis as vestes lacerára,
 Fitavas-me sorrindo, apaixonada e alheia
 A' propria luz do céu — tua irmã gemea, Sarah!

Lindo esboço de um anjo, a encantadora forma
 Tinha não sei o que de mysterioso e vago ;
 De alguma cousa que ha que nunca se conforma
 Com esse falso esplendor, que eu, por exemplo, trago.

Ella era a luz celeste, a graça dolorida,
 Que da humilde oração e do extase resulta,
 Força eterna do bem, que, através desta vida,
 O olhar do anjo immortal discretamente occulta.

Mas quiz Deus que assim fosse. Era o nosso destino.
Baniram-nos por fim do Eden resplandecente.
 Foi como o nosso, outr'ora, o amor do Florentino:
 — Sempre bom e infeliz, sempre grande e inclemente!

Um gémido de dor profundo e lancinante
 Mandou-me a tua voz, queixosa e semimorta...
 E eu apenas era isto: — uma alma agonisante,
 Que não podendo mais, ficou pregada á porta.

— Era a minha alma, sim, de subito, assaltada
 Pelo bando feroz de todos os rancores,
 Sem poder transportar, oh! minha noiva amada,
 Para o seu pobre lar, todas as tuas dores.

E porque d'alma pura a crença te arrancaram?
 Porque teu brando rosto empallideceu tanto?
 De tantas illusões, apenas nos deixaram
 O grito de meu verso, o sulco de teu pranto.

Queriam separar dous seres que nasceram
 Para um ideal mais puro e uma união mais forte.
 E depois... e depois, anciosos, nos prenderam
 N'uma Gehena mil vezes peor que a morte!

Quando essa triste historia acabrunhado escuto,
 Ainda ouço jofrar a onda na praia fria...
 Ah! que travo de fél ha dentro desse fructo
 Que outr'ora, á luz do sol, em púrpuras se abria!

Não te ver mais! foi esta a sentença inaudita,
 Que ao degredo me enviou, como o infeliz Gonzaga.
 E depois, quem o crêra! ao deixar-te, proscripta,
 A solidão me foi cruelmente presaga.

Que era em vão que buscava entre os livros sagrados
 Remedio para os meus interminaveis males!
 Que era em vão! Pois se tinha os meus dias travados
 Pelas gottas de fél contidas no meu calix!

Que te havia de ver atravez dos meus sonhos
 Como um espectro odiento, abrasado em desejos,
 Tendo, que crueldade! em teus labios risonhos,
 Um extranho sabor de cinzas e de beijos!...

A fé já não é, crê, o bordão mais seguro
 Aos mãos tratos do amor. E' mister outro nume,
 Divindade mais alta, um deus menos obscuro,
 Sempre que um pobre ser agonisar sem lume.

O amor é o eculio onde arde o fogo que devora:
 E' o ferro em braza, é a lava, — a lava da loucura!
 — O navio infernal que no Cocyto ancora
 Desarvorado, após túrbida singradura!

Deixa-me descançar o vario pensamento,
 Préfica, infanda e má! Deixa-me que o repouso
 Que ha neste austero monte, e na voz deste vento
 Seja a suprema dôr do meu supremo goso.

Deixa, ó Styge, a vigília adormecer um pouco,
 E o pranto discorrer em menor quantidade.
 Acostumado ao bem, peço hoje para um louco
 Um bocado de sol e de tranquillidade,

Quem pudera, porém, dos fados temerosos
 Os golpes evitar? Quem pudera aos risonhos
 Dias teus offuscar a luz, ou a queixosos
 Deuses arrebatat os seus primeiros sonhos?

.....

Era só teu, formosa, o que a tarde trazia,
 Triste, como um suspiro ou terna barcaróla.
 Pela collina azul o camponez descia,
 Cantarolando um trecho e afinando a viola...

Então meu pensamento, alto como uma torre,
 Erguia a sua cruz tambem para o céu calmo;
 E ao Deus piedoso e bom que os miseros soccorre,
 Como David levava o coração n'um psalmo.

Não me desampareis neste arduo passo. Acaso
 Hei incorrido em falta, e derimir não posso
 A mácula, Senhor? Em que sombrio occaso,
 Poderá repousar um pobre ser que é vosso?

Levai-me, eu vos conjuro, o de todos os seres
 O mais inutil. Quando a razão se obscurece,
 Quando perdemos tudo; — a familia, os haveres,
 Os carinhos do lar, os balsamos da prece,

O roteiro a seguir, para que serve a vida,
 Beijo que andas no azul, beijo que andas de rastros,
 Beijo primaveril, beijo de Eva banida,
 Que é grão de areia e, logo, alma e avatar dos astros?...

Ah! doce amiga, quanta esperança lançada
 A' neve do destino, adverso e inexorável!
 A Egreginha do morro, outr'ora iluminada
 Pelos teus olhos, hoje, está velha e intratável.

Se tu lá não voltaste, ingrata! Em que sombrio
 Retiro o teu sorriso immaculado esvoaça?
 Ouve: as aves têm sede, a Egreginha tem frio...
 Porque não lhes vaes dar um ar da tua graça?...



VESPER

Ah! Como nos folgava a vida então!...
 Como a leve andorinha,
 Cerce, cerce com o chão
 Para junto do altar triçando vinha!...

Era uma ábside então esse recolhimento,
 Esse asylo de amor,
 Destinado a abençoar o nosso casamento,
 Se nos não deparasse a sorte um malfeitor.

Que mudança houve em tudo !
 Que choro immenso se escutou no espaço !
 O Horto ficou acabrunhado e mudo
 Nesse terrível e angustioso passo !

Tu, pobresinha, enquanto eu padecia ausente,
 Enquanto a hedionda morte encarava de perto,
 Tua voz innocente
 — Raio de sol boreal povoava o meu deserto...

Ouvi-a sempre como um sonho ideal
 Harpejado na altura...
 Como um queixume em meio de um rosal,
 E um gemido no fundo de uma lura !

Deus quiz que outro colhesse
 O virginal botão que eu julgára colher ;
 Que outro a luz escondesse
 Desses meus olhos tão fracos para a esquecer.

Que desventura ! Que cruel engano !
 Pretender amarrar a sombra que nos foge ;
 Ou esperar que o oceano
 Das caricias da vaga se despoje !

Quando o destino quer, quem, porventura, ousára,
 Oppor-se-lhe á vontade ?
 Tecer ninho mais alto, existencia mais clara
 Ao sol de um novo sonho ou de uma nova idade ? !

Só nos resta a lembrança e a magua que deflue
 Em nossas almas, sem medir os annos,
 E que, ás vezes, em prismas se dilue,
 Ou se desfaz, bramindo, em dous oceanos !

Já não vamos em Março pelos prados
 Alvorotar as tímidas boninas.
 E os ardilosos sylphos espalhados
 Pelas virentes, flóridas campinas...

« Mas conta », me dirás: « que te ocorreu após
 Tanta desdita, conta.
 Que pensaram de ti, que julgaram de nós,
 Nós, a quem ainda hoje a sorte iniqua affronta ? !

Quem, dize-me, a alma errante e infeliz, te arrastou
 Por esses tristes e amargosos climas,
 E tyrannicamente arremessou
 A um brulote infernal tantos festões de rimas ?

Qual, te dissera, então: « Não vás, não partas ! »
 Qual, porque segues tão falaz roteiro ?
 Pretenderá o fado que repartas
 Com os peixes teu sangue e teu dinheiro ?

Pretenderá que as hordas malfazejas
 Em teus viçosos membros se repastem,
 E que as auras da noite bemfazejas
 Ante tanto clamor, precipitem, se afastem ? »

Porque te reservou esse cruel juiz,
 Que ordena os mundos na jornada infinda
 Tão rude provação? Falla, meu bom Luiz.
 Falla, quero soffrer, soffrer, soffrer ainda.

Quero sentir em tua estrophe ardente
 Pulsar o coração do Parahyba ;
 Que a dor o poeta insigne, impaciente,
 Com hymnos sagra, com amor preliba.

Amar! Oh! como é bom amar! Trazer, Senhor,
 No iris que um seio de mulher matisa,
 O enamorado sonho de Leonor,
 E as saudades amargas de Heloisa!

Oh! Tornar á uma pagina querida,
 Sentir a angustia desse goso insano,
 E erguer a folha que cahiu sem vida,
 E arrebatat a perola do oceano...

Amar, é ter o dom da frauta pastoril
 Que, á noite, as balsas brandamente affaga,
 E' dar ao beijo mórbido e febril
 A pureza do incenso e a volupia da vaga...

E' o ar contente, é a inclinação do rosto
 Da divina Creúsa, absorta, á mão tremente,
 Que a guirlanda de beijos ao sol posto,
 E de hymnos festivaes ao sol nascente!...

E' o veneno da bella Capuleto,
 Na alfombra verde, ao luar, phantastica, a fulgir,
 Pondo, Julieta, em teu basto cabello preto
 Uma gardenia pallida, a sorrir.

E' o halito da rosa embalsamado,
 E' o barulho indiscreto
 Do pequenino córego arrufado
 Por ver zumbir-lhe em torno apaixonado insecto.

E' o cardo que de espinhos se guarnece,
 E' a concha onde um oceano inteiro falla,
 E' o murmúrio virginal da prece,
 E's tu, pastor feliz, és tu, Zagala.

E' a abelha que o doce mel fabrica,
 Que em favos de ouro o almo licor esconde ;
 E' a lei que o proprio crime justifica,
 E' um mal que ao bem nos poetas corresponde.

Injusto numen, do passado a imagem
 Eil-a a correr no azul, eil-a a brincar.
 Vê-se da alma infeliz a funebre roupagem
 Por outras vestes lograrás trocar!

Vê se consegues ensinar á flor,
 A' flor que o vento espalha, aspero e bruto,
 Que no céo tudo é luto e tudo dor,
 Na terra tudo dor e tudo luto!

Só uma cousa é santa:
E' o amor que acorrenta — é o amor que liberta;
Que anda a sorrir no calice da planta,
E no alvo peitoril de uma janelia aberta...



*NEVOAS OU A SAUDADE
DAS AGUAS*

ORA, um dia fugindo ao duro trato
De uma paixão cruel, meu louco anceio,
Que com recordações ainda maltrato,
Levou meu casto amor para outro seio.
Tudo era um céu de mentiroso ornato,
Uma baixa aventura, um rude freio,
Tal que, igualando a minha, ás outras sortes,
A Deus mil vezes suppliquei mil mortes.

O Eóo berço me abraçou contente,
Tive a gloria de amar quem mais amada
Devera ser na terra, ardua e inclemente,
Na crueza da luz d'ella emanada.
Nunca o Destino, nunca, engana ou mente,
E é aquella mesma luz, por mim sonhada,
Tão creança, tão diaphana, tão casta,
Que um pobre ser mesquinho algema e arrasta!

Com que cuidado mimo a face e a bocca
Em doces threnos lhe assedei, medroso !
Linda camelia, em graças se destouca
Com um ar plangente, com um pedir queixoso.
Oh! como a leve mocidade louca,
Por um sentido beijo vagaroso,
Troca o viço, a innocencia, o aroma, a graça,
Por um Euro qualquer, que, rindo, passa!

Mas n'um Oceano lobrego e revesso
Andei cantando minhas velhas maguas ;
Paga a poesia em mim seu caro preço,
Tal como, ao rudo vento, as longas aguas.
Com ella penetrei o bosque espesso,
Todas as brutas cóleras das fraguas:
Que um lindo rosto e um pensamento inquieto
Muda em fogo maldicto um brando affecto.

Quasi bonina, quasi aroma puro,
Teu carinho abrandou alma tão triste !
O Sol, vê bem, senhora, está escuro,
Porque te foste, porque te partiste.
Esta tréva poluta, este arro impuro,
O virginal calor de onde sahiste,
Vão longa, longamente pranteando
Quem já de sonhos perde arisco bando.

A mistura da duvida e da creança
Em todo bem e mal nos acompanha.
O amor, de certo, é em ti maior doença,
Maior! Porque esses olhos que o Sol banha
Herdaram delle a amarga indifferença,
Com que captiva os bosques e a montanha.
Pois renunciando o caule moderado,
Deu-lhes um fogo, talvez mais desordenado!

Da agua fresca e morosa a voz tristonha
Descorria entre seixos e verdores...
« Oh ! — disse, á noite o luar: « como é risonha
A flor que lhe vou dar por estas flores ! »
Aqui, velho madeiro, arqueja e sonha
Com os seus antigos, nêmares amores ;
Aqui, saudosa terra desejada
Andou comigo por ignota estrada.

Se um exiguo ribeiro serpenteava
 Por entre pedras suspirando um hymno,
 Ella n'um longo beijo murmurava :
 « Vê como a amar a terna Córa ensino ! »
 Uma celeste voz acompanhava
 Daquelle extase o rythmo crystallino :
 Que uns olhos, quando pedem, é ventura,
 Mas, quando uns labios dão, é desventura.

Tudo anceiar parece. A propria alcova
 Sorri, se, rindo, á noite, a procuramos.
 Qu'importa que o atro bojo os raios mova ?
 Não nos causam temor, se acaso amamos.
 Não ha na terra bem que nos demova
 De ir visitar a casa onde deixámos,
 Leda e casta, sonhando, a bem amada,
 Mais seductora e mais apaixonada.

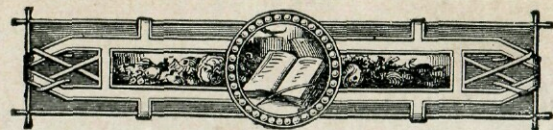
Era assim que vivíamos. O rio
 Que embala o ninho meu, tão caro ás musas,
 Nos deu calor de mais, sendo tão frio —
 Ao cantico das Nayades escusas.
 Mostrava o céo, de então, outro atavio,
 Ontra gala, outro timbre, entre as diffusas
 Nevoas do Poente. Oh ! quem á noite o visse
 Espantado da sua garridice !...

Meus olhos foram sempre nelle postos,
 Foram. Quanto desejo, quanto ciume !
 Andámos, elles e eu, ao fado expostos,
 Nós que no aspero som buscámos lume.
 Quantos remotes vi ! quanto desgosto,
 Entre alvos véos de matinal perfume,
 Me não deram, afflictos, pelos valles
 Ao doce engano dos primeiros males !

A curiosa existencia dessas plantas
 Creou, saudade, em mim luctuoso metro.
 Vós, ó nymphas do céo, como ereis santas,
 E vós, flores, tão docéis ao meu plectro !
 Porque entre as egleas franças ainda cantas
 De sempiterno fogo o velho espectro ?
 Porque hoje em frias nuvens, sotoposto,
 Em tristes carmes vos desnudo o rosto ?

Eras, então, a moça mais galante,
 — Um como andar de sonho em rio ou valle...
 Tinhas luz no pizar e no semblante...
 Que a velha ponte de Rezende falle.
 Rezende, a minha dryade inconstante,
 Que leia os versos meus, depois se cale :
 Pois em versos cantar sentidas magoas
 Dõe mais que o chôro que ha nas suas aguas.





SETEMBRO

—
I

SETEMBRO mal rompia o nimbo... Sanguinoso
Era de vel-o já. Seu elmo bellicoso
Ao sol resplandecia.

Imitava na furia os leões e os jaguares!
Atormentava a terra, allucinava os mares,
E de sangue de irmãos o amplo solo tingia.

Seu iracundo olhar, seu formidando porte
Gozavam como Atreo nesse festim de morte!
Punha-se o monstro a rir.
Sobalçava a metralha e o canhão ribombante!
Que prazer se encontrava um corpo agonizante,
Um barco a se afundir!

Não ha temperamento que resista ao assalto simultaneo de tantos vicios !

As leituras que lhes merecem especial interesse são as aphrodisiacas, quer tomem ellas a emphaze sonora de um capitulo de *La Faute de L'abée Mouret*, quer dêem á phrase a impressão de um facto gerador, como se vê nas já celebres pornographias escriptas pelo marquez de Sade. São temperamentos que se desfazem aos bocados, que se gastam e desfolham aos primeiros alcores da existencia.

O conceito philosophico e a viva imagem apaixonada não podem medrar em terreno devastado pelo alcool ou pela satyriases.

Tudo exige uma certa hygiene, uma apropriada educação, sobranceira ao vicio. O poeta deve ser um homem sobrio pela mesma razão por que deve ser um homem de coragem. Todas as grandes qualidades, todos os nobres sentimentos devem culminar nelle. O transbordamento de todos esses rythmos é o que constitue a capacidade lyrica, o elemento creador, irreductivel, abstracto da poesia. Das multiplas e variadas impressões recebidas da natureza, da porção de mysterio que o artista recolhe e adapta á imaginativa, defluem as maravilhosas correntes de idéas que rejuvenescem os cyclos apagados e fecundam as intelligencias sem deixar no percurso páues, ou albufeiras.

Outra cousa que vem a pello accentuar é que não ha poeta egoista.

Em *Sarah*, sendo um livro pessoal, o seu autor, de momento a momento, se despersonalisa deante da natureza. Ora, é o céu que solicita um olhar da musa, ora a floresta, ora o lago, ora o mar, ora o granito, ora a ave, ora o ninho, ora o homem. A personagem que servio de alma ao lyrismo desse volume não absorveu de modo algum toda a attenção do poeta. Pelo contrario, sendo uma força exuberante, illimitada e omnimoda, deu á concepção lyrica um ar de universalidade. O amor verdadeiro, superior, que está tão acima de tudo isto, em todos os seus actos, não desperdiça em divagações romanescas e estereis as formulas absolutas da sua philosophia, os dogmas da sua religião, os conceitos da sua esthetica, que deve ser a sua mesma moral.

Pelo contrario, procura augmentar a sua capacidade pela accentuação da sua personalidade litteraria.

— *Sarah*, um livro em que o amor se divinisa, terá como épilogo *A CATHEDRAL*, em que a veneração pelos mortos se vivifica e cresce nas miragens seductoras da immortalidade. E' mister não nos esquecermos o que devemos aos mortos.

Mais algumas palavras e estarão terminadas estas rapidas considerações.

Não pensem que phantasiámos o que escrevemos. Tudo aqui é real. Pretendemos exalçar o merito de uma preciosa influencia moral.

Esquecemo-nos de tudo, mas porque se ha de esquecer tambem o nosso primeiro amor ?

Essa historia faz medo — é cruenta em excesso !
 Não é mais com canhões que se chega ao Progresso,
 E' com amor, somente.

E' com amor, é com amor, ouvi-me, bravos,
 Vós, que creando herões, fazeis tambem escravos.
 Deixae viçar ao sol a gloriosa semente,

Que rutilla tão bem no delicado engaste,
 Que é indecisão na voz e anciedade na haste,
 Que é sombra e viração.
 Dizei-me : « que quereis espalhar n'estes valles,
 Inclytos generaes? — Novas fontes de males? !
 Será um galardão,

Tirar á joven noiva o que de melhor tinha ;
 Enlutar-lhe o jardim, o terreiro, a cozinha,
 A flamma sempiterna
 Do seu ideal? Senhor, assombra essa loucura !
 E, depois, esse fumo enfeia e desfigura
 A meiga flor materna !

Não ha de ser, de certo, esse rubro escumalho
 Que dará lume á choça, esperança ao trabalho,
 Paz e conforto ao lar.
 Não ! São feitas de tréva essas bandeiras tristes,
 De tréva os pavilhões que de sangue tingistes,
 Vós, Scipiões, cuja sina é ferir e matar !

Matar — é uma expressão patriotica e augusta !
 Bombardear ! que tem? Arruinar, que custa ?
 Ter soldados, eis tudo.
 Sabei-o : a esse desdem, á essa horrivel phobia,
 Tão tragica, tão má, tão cruel e tão fria,
 Opponho-me, comtudo.

Sim, é mister lançar, embora em versos feito
 Um vehemente protesto. Ah ! não se arranca a um leito
 O carinhoso amor.
 Tirar-no-lo? Só Deus — elle que á creatura
 Deu a graça, o pudor, a eloquencia, a ternura
 Do beijo — a sua mais encantadora flor ! —

Os sabres, os clarins, o zunir da metralha,
 Causam tanto pavor ao homem que trabalha
 Como ao pobre engajado.
 Privar do filho a Terra e arremessal-o á furia
 Tremenda dos canhões, é mais do que uma injuria,
 E' mais do que um peccado ;

E' uma iniquidade, é uma brutal offensa
 Feita á consciencia humana; é eliminar a crença,
 E' supprimir a fé;
 E' dar jurisdicção, canon, toga á espingarda,
 E proclamar que a lei é a polvora, e que a farda
 Foi o que sempre foi e ha de ser o que é !

Ha, como vêdes, pois, muita sabedoria
 Nesses assertos vãos. Põe-se uma bateria
 Onde a rasão persiste
 Em querer imperar. Vencel-a, subjugal-a,
 Marear-lhe o lustre, a fama, o brilho, a lingua, a falla,
 Eis em que a arma consiste.

II

Mas quem sabe, senhora minha amada,
 Se foi mesmo o poder d'aquelle dom,
 Que poz na immensa abobada estrellada
 Esse azul, tão poetico e tão bom?

O céu foi sempre desvelado e casto.
 Dóe-lhe do sangue ver a infausta côr.
 Pois esse santuario, que é tão vasto,
 E' só amor, é só amor.

Todo o idylio queixoso das palmeiras
 Aromatiza-o, como a um manto. Então,
 A' tarde, as aves, cautas e ligeiras,
 Buscando o ninho sonoro vão...

E, elle, com ledo gesto as ouve e aquece...
 Que caricia infantil, que ingenuo ardor,
 Ha nesse olhar que em cima resplandece,
 Que é só amor, que é só amor.

Do amante a terna supplica inspirada,
 A divina embriaguez, o esto febril,
 Acolhe, e a sua mão illuminada
 Lança-lhe em troco um arrebol de Abril.

E' então que o sonho com prazer gorgeia...
 Se é tudo coração... se é tudo olor;
 — Canta um sangue feliz de veia em veia,
 Se elle é amor, e só amor...

O' verdes prados, ó rosaes viçosos,
 De agreste caule, de medroso olhar,
 São mais que os teus, alados e harmoniosos,
 Os cantores e o sol deste pomar!

Como delles o céu está mais perto!
 Muda-lhes em canções a linda côr,
 Sem desprezar o nosso passo incerto...
 Pois elle é amor e só amor...

Os crespos mares, os bulções bravios,
 Aflam ao tom de um rythmo impaciente,
 Enquanto os molles, somnolentos rios,
 Passam colleando á fulva luz do Poente...

Ai ! que ventura aquella ! Como encanta
 Surprender-lhes o lânguido rumor !...
 São elles que dão sangue e voz á planta...
 Se tudo é amor, se tudo é amor...

—
 HERÓES

III

Eram combates sem tregoa:
 Heróes de sangue sequiosos
 Andavam legoa e legoa
 Por caminhos tormentosos,
 Querendo a golpes violentos
 Fazer recuar os ventos
 E os mares de escuro porte,
 — Embaixadores da morte.

Ria-se a vaga traidora
 Que sopesava sem custo
 A esquadra dominadora,
 Que, debil, como um arbusto,
 E, leve como uma penna,
 Quando heroica, entrava em scena,
 Que impavidez e bravura !
 Que arrôjo, que compostura !

Relampejava-lhe á fronte
 O sol dos mares ardentes,
 E' preciso que alguém conte
 Os feitos desses valentes !
 Ribombava a artilheria,
 Ninguém, de certo, a temia,
 Eramos livres e bravos,
 E não caterva de escravos !

Qu'importa á aguia sobranceira
 O mesquinho grão de areia ?
 Quando mesmo prisioneira
 Que magestade alardeia !
 «Sou soberba !» eis o seu hymno !
 Eis o seu nobre destino,
 Seu olhar, sua unha d'aço:
 — Um, vinca o sol, a outra, o espaço !

Ulula o leão africano,
 O olhar no Poente embebido:
 Por ser forte e soberano
 Não deixa de ser vencido.
 Tem tambem o seu queixume,
 O seu fadario, o seu nume.
 Morré como nós, coitado !
 No mesmo fogo abrazado.

A covardia é que gasta
 A alma e o coração d'um homem,
 Que nos lameiros se arrasta!
 Ah! os annos não consomem
 De uma espada a nobre alcunha.
 A dôr que um bravo acabrunha
 Tem muitas vezes na Historia
 Mais brilho que uma victoria.

IV

Nunca no cerco de Troya
 Se vio tanta intrepidez!
 Silvava como a giboia
 A morte no gurupez!
 Braços e craneos partidos,
 Herões no chão derrubados!
 Ah! quantos entes queridos
 Vimos ali abraçados!

Cavalleiros arrogantes
 Agarrados aos arções,
 Herculeos como gigantes,
 Ferozes como leões,
 Emparelhados surgiam!
 Oh! gaúchos inflexiveis!
 Como as lanças reluziam
 Nas vossas mãos invenciveis!

Era um circulo de fogo!
 Campos, sem nenhum abrigo!
 Nosso nome estava em jogo,
 E nossa Patria em perigo.
 Vencer, eis tudo. Corramos,
 Voemos de pólo a pólo;
 O sangue que derramamos
 Não cahe de balde no sólo.

Rôtas as vestes, qu'importa?
 A tudo suppre a coragem.
 Grande é aquelle que supporta
 A sêde, a fome, a friagem.
 Pinheiro — o duro Pinheiro —
 Gumersindo — o heróe famoso —
 Qual delles foi o primeiro?
 Qual delles mais valoroso?

Saldanha — alma sem temor —,
 Mello — impassivel na luta,
 Quem lhes deu esse esplendor,
 Essa altivez incorrupta,
 Esse assomo de lealdade,
 Esse gesto bravo e sobrio,
 Que, se pratica a piedade,
 E' impiedoso no opprobrio?

E Alexandrino — o obstinado?
 E o calmo Pinto de Sá
 Pelos chefes admirado?
 Marujo melhor não ha.
 E o Belfort e o Lessa e o Mendes
 A retezias affeitos?
 Que sei eu? Musa pretendes
 Cantar taes homens e feitos?

E Floriano — o invencivel,
 O caboclo de Alagôas,
 Que tu, oh! morte insensivel
 Com pompa e galas corôas?
 Que a romaria não cesse
 A' campá do redivivo,
 A quem o poeta agradece
 A mercê de hoje estar vivo...

Governa-nos ainda, ouve,
 O teu gélido calor,
 No mundo inteiro não houve
 Um Lord mais Protector.
 Toda essa gente que medra
 Hoje, ó marechal, conduz,
 Na frente — um bloco de pedra —
 Na lingua — um rio de puz! —

Temamo-la, é bom dizel-o!
 Alerta! Republicanos!
 Perdoar nunca foi bello
 Quando se julgam tyrannos!
 Mostraí o que sois, que chamma
 Em vossos olhos scintilla;
 Pois é mais digno de fama
 Quem carrega uma mochila.

Sim, a gloria a nós pertence,
 A nós simples batedores.
 Não ha no mundo quem pense
 Que os grandes conspiradores,
 Que a antiga e egreea farragem
 Venha dessa larva odiosa,
 Que é rei, aqui, e alli, pagem
 De qualquer dama formosa.

Uns nascem nos altos cumes
 E vêm esmagando tudo;
 Têm culto pelos seus numes
 E confiança em seu escudo.
 Mas os covardes têm ronha:
 Reparai como elles fallam;
 Reparae quanta peçonha
 Seus labios podres exhalam!

Elles caminham na treva,
 Rentes, rentes com o chão.
 São como sevões na seva,
 E n'uma justa um poltrão.
 Laet, Figueira, Ouro Preto,
 Basson, Lafayette — o diabo —
 Com ares de recoleto
 Querem de tudo dar cabo.

Porisso, cochicham, tramam
 Com o luzio no ferrolho
 E a alma no miolo sem siso.
 « Viva el-rei ! » fugindo, clamam !
 Casmurros ! — barbas de molho !
 Sebastianistas ! — juizo !

V

A Patria é livre e sagrada,
 Vencemos: eis a questão.
 Sabeis bem que não tememos
 Nenhuma revolução:
 Se vier testa coroada
 Novamente a expulsaremos.

São idolos os que a Historia
 Enflora em seus lindos sonhos,
 Em seus enlevos maternos:
 São elles a sua gloria,
 Seus devaneios risonhos
 Seus monumentos eternos.

Fomos creados n'um rito
 Feito de crença e esperança,
 Feito de orgulho e anciedade:
 Pois toda força, repito,
 Nasce da velha alliança
 Da energia e da bondade.

A Roma de Caio Graccho
 Tornou ao mundo de novo.
 Querieis um Brasil fraco,
 Um vasto imperio sem povo.
 Nós, as cadeias partimos,
 Nós, a muralha escalámos,
 E se tres vezes cahimos,
 Tres vezes nos levantámos.

Não vos tememos. Que venha,
 Que venha o vosso odio todo,
 Todo o vosso ardil e manha.
 Odio? — um bocado de lenha,
 Odio? — um esguicho de lodo
 Que corre aos pés da montanha.

Não somos miseros bardos,
 Nem fámulos impudicos,
 De pé, á mesa dos nobres.
 Sois cautelosos e tardos :
 — Descendo, ficastes ricos,
 — Subindo, ficámos pobres.



EXORTAÇÃO DA FLORESTA

OH! penetrar aqui neste recesso augusto,
 Dilacerar-me o seio,
 Deixar-me a alma a gemer, o ligneo hombro combusto,
 De ferimentos cheio !...
 Ser despertada assim a tiros de espingarda,
 Ao ladrido feroz dos cães de caça !... Andar
 Aos gritos, como um ser vilão, que se acobarda
 Por ouvir lá na serra a anhapóca ulullar !...

Oh! desnudar-me toda e atirar-me aos pedaços
 Pelos brejos immundos;
 Obrigar-me a descer pelos morros, sem braços,
 Com os ventos iracundos!...
 Tratar-me como serva, exposta á neve fria,
 Ao pó, á cerração;
 Profanar, poluir minha antiga magia,
 Meu culto, minha fé, meu lar, minha oração!...

Para traz, para traz, monstros de forma humana,
 Tenebroso instrumento
 Da morte, a que geysér ou catacumba insana
 Pediste este tormento?!
 O grito atoador e agudo do Milvago
 Córta a montanha oval.
 Segue-te com terror o duro porte o lago,
 Que aclara a propria sombra e acolhe o proprio mal!

Tremem os tangarás nas pennas encolhidos...
 Dormem as juritys...
 Vão-me lançar aos pés os galhos reffloridos,
 Vão-me harpas e arrabis,
 Miseros, arrancar á cuprea fronde altiva,
 Ao imponente domo, ao secular sacrario.
 O' nemuroso genio, ó poderosa diva,
 Sou tambem vossa myrra e vosso escapulario!

Protegei-me e amparai-me, e, sobrestando o passo
 A' turba dos incréos,
 Fazei com que do Inferno ou do damnoso espaço,
 Da fauce dos vulcões, d'alma dos escarcéos,
 Alguma cousa desça em forma de castigo
 Sobre tamanho crime!
 Ficar o tiê sem tecto e a rola sem abrigo!
 E eu, que tão boa fui, sem ninguem que me estime,

Sem quem me oscule a fronte e me humedeça os labios
 Com o alvéolo de seus hymnos,
 Em verdade, é cruel! Caçadores ou sabios,
 Não importa, são sempre os mesmos assassinos!
 Risonho, o céu me traz, seus copiosos mimos
 Em róridas canções.
 Garridos jacamins baixam dos altos cimos
 Sobre estas solidões...

Tudo quer um logar, um recanto, um pedaço
 Da marchetada sombra ondê os meus ninhos teço.
 O doce luar brilhante em rezedás desfaço,
 E em tudo, ora, appareço, e ora, desapareço...
 Os sahís me vêm dar os bons dias, e tornam
 Aos seus lares, depois.
 Com que capricho e gosto os seus tugurios ornam:
 — Tugurios para mil, palacios para dois!

E a açafra que além poisa o biquinho n'agua,
 E está ali vae não vae pela corrente abaixo...
 Sem do peito sentir a dura e acerba fragua
 Que o amor inflige a quem o vê de elmo e pennacho !
 Tudo isto vae morrer, Senhor, ou, cegamente,
 Tomar um rumo obscuro, um fadario cruel,
 Porque o sabio ahi vem com o perdigueiro á frente,
 Apedrejar meu solio e rasgar meu docel.

Como ? Pois será vã minha soberania ? !

O sceptro que me déstes,
 Vão tambem, meu Senhor ? Pois toda esta poesia,
 Estes hymnos sem par, estas vozes celestes,
 Serão por esta turba ignára injuriados,
 Mettidos em polés,
 Como anjos sublevados,
 Mais nefandos, talvez, que o lodo das marés,

Que as escorias de Biblo e o anthro de Calahorra ?
 Oh ! minhas aracuanas, meus cónoros ruidosos,
 Que tem que a ave gorgeie e a agua silvestre corra
 Entre ninhos febris e frócos sonorosos ?
 Que tem que o sol me encontre a reparar os ninhos
 A's minhas arapongas
 Barulhentas ? Que tem ? Elles — os passarinhos
 Querem sestejar a gosto em suas selvas longas...

Deixai-os pelo amor de Deus aqui poisados,
 Deixai-os a sonhar;
 Elles têm mais que vós os corações maguados,
 E são, homens, tão bons que se deixam matar.
 Deixai-os que os acolha e os leve á boa estrada,
 A que, entre anjos, vai ter ao eterno esplendor !...
 Que a sombra desterrada
 De tanta fé me envolva e me salve, Senhor !

Que este concerto aqui seja um éco distante
 Da bondade infinita,
 Da candura ideal, do idyllo balbuciante
 Que em todo o céu palpita.
 Que tudo falle e entenda o idioma claro e eterno
 Dos primeiros christãos.
 Caçadores, vós sois os ministros do Inferno:
 Ha febre em vosso olhar, ha sangue em vossas mãos !

Caçadores, que mal vos fiz eu ? Sou acaso
 O mau guia, o mau genio, o Othus funebre e torvo ?
 Sou o truculento Occaso,
 O sanguinoso corvo ?
 Ou o Dragão nefasto abalando as montanhas,
 Ou a Hydra de cem cabeças ourejadas ?
 Lacerai-me as entranhas,
 E as frondes decepadas;

Tirai-me as virações, as ledas primaveras,
 O orvalho sideral que eolea mão conduz ;
 As lyricas visões, as lúridas chiméras,
 Que deslisam subtis sobre flocos de luz...
 Mas concedei-me a graça, o dom piedoso e egregio
 De commover a Terra e os duros horizontes,
 Dando-lhes em vez de ouro em meu dominio regio
 O mel dos meus sabiás, a agua das minhas fontes.



*LEMBRANÇA DE UMA NOITE
 NO CARCERE*

A tenebroso carcere lançado
 Marmóreo Junho me saudou, descrente,
 Quasi sem Deus, quasi espingardeado!
 O' soffrimento, ó frio ardor clemente,
 Como me apraz, amigo, ter-te ao lado!
 Que rosto trazes ! Como estás doente !
 Que aspecto duro e negro e hispido e avaro
 Tens para aquelle que te foi tão caro?!

Perdida a esperança da posse physica, só nos restava a conquista de um ideal. Fomos buscá-lo nos recessos de nossa memoria; e pedimos ao coração que nos ajudasse com a sua incomparavel collaboração.

Todas as inquietações d'alma, tão poeticas em seus resultados, segundo pensava M^{me} de Staël, sentimos ao escrever os varios trechos deste poema. Bem sabiamos que estavamos a percorrer o circulo horrivel das doenças da imaginação! Ellas nos assediam, tornam-nos tímidos ou arrogantes, como um contraste, ou uma anomalia em meio da sociedade actual, eivada de preconceitos, saturada de crendices e veleidades; — burguezia, retrograda — dissolvente.

O lyrismo, a poesia, na sua expressão definitiva, foi, como era no tempo de Byron, essa *vitaliti of poison*, para empregarmos a phrase do proprio poeta. A reacção philosophica do seculo XVIII creou almas dubias, scepticas, em religião, em moral, em politica, em arte.

Hamleto tinha as suas variadas hypostases em *Werther*, em *Fausto*, nos dramas juvenis e nas poesias de Shiller, no *Atala*, no *Renè* — antes um specimen da revolução philosophica do seculo XVIII, do que selvagens americanos; no *Adolpho*, de Benjamin Constant; no *Obermann*, de Sénancourt; no *Child-Arold*, e no *D. Juan*, de Byron; no *Joseph Delorme*, e, finalmente, em todas as obras d'arte do seculo XIX.

Tudo procedia da dor. Não havia criação fóra d'ella. Estavamos, por assim dizer, em frente a uma

nova panlygenese. Perscrutavam-se os destinos; fallava-se de tudo com uma inflexão tristonha. Sentia-se bem caracterizada a piedade nas obras dos grandes escriptores. Alguns espiritos argutos enxergaram nessa agonia geral *traços indicadores de uma resurreição litteraria*.

A dor é sagrada, por isso é divina.

O poeta exacerba-se porque, sendo o representante do sentimento na humanidade, revolta-se contra tudo o que existe por lhe ser inferior.

« Emquanto o homem da sensação e da actividade se satisfaz com este mundo miseravelmente esboçado, que tem deante dos olhos e o homem da intelligencia procura aperfeiçoal-o, o poeta indigna-se com a lentidão da sua marcha e acaba por não ter sinão palavras de ironia e cantos de desespero. Mas, si o devessemos condemnar por isso, era mister condemnar tambem nossos paes que sonharam uma humanidade nova, uma humanidade maior. »

A dor, a que nos referimos, é um dos prenuncios de uma regeneração litteraria. Habitos, idéas, sentimentos vão soffrer uma transformação radical. A dor, sendo como é, prophetica, está indicando o que deve ser, está nos entremostrando o dia de amanhã. Suas lamentações marcam grandes reformas.

Ora, o nosso livro obedece a essa corrente philosophica. E' doloroso, sem duvida; decorre da secular successão da arte inspirada pelo martyrio ou pela desolação.

Ha na dôr, como um fino veio d'agua,
Um não sei que, que sabio algum explica.
Não sei bem se é alli que o amor desagua
E todos os seus sonhos sacrifica.
Não sei que terna e encantadora magua,
Senhor dos mundos, soluçando fica,
Com o mésto rosto exanime, desfeito,
Num dolorido e atormentado peito.

Correr mares e terras deshumanas,
Ouvir do incauto vento a voz querida,
Os accentos das musicas serranas,
Os insectos ruidosos, o ar, a vida
Simples, porém festiva das choupanas;
Tudo isso a ler e a meditar convida.
Sim, cantores, ouvi, é a saudade,
E' o exilio, é a dôr, é a immortalidade.

Deixei no patrio ninho a bem amada.
Livre tornei ás terras bemfazejas.
Que recepção me fez a passarada!...
Tu, mais que os outros, tu, que, alto, festejas
A alegria de uma alma tresmalhada,
E que num casto e meigo accorde adejas,
Ave saudosa, ave da minha terra,
Muzico e poeta, ó sabiá da serra — !

E, tu tambem, como me acompanhavas
Pelas crúas e inhospitas paragens!
Como linda e chorosa perpassavas
Na caricia indiscreta das aragens!
Como as ligeiras azas apressavas!
Como te via em mim e entre as folhagens,
Anjo, que a branda lymphá parecia
Adormecer na onda indolente e fria!

Quantas recordações! Quantos risonhos
Quadros me não trouxeram seus carinhos!
Ah! os dias do exilio são tristonhos!
Ah! são arduos e máos os seus caminhos!
Que fizeram, poeta, de teus sonhos
Mudados logo em rábidos espinhos?
Que agua ou que philtro num delirio insano
Pediste á fonte ou peito deshumano?

Que horror? que tumba tenebrosa e vasta!
Quanta desolação! Quanto ai! disperso!
Não és mãe, não és mãe, Terra, és madrastra,
— Genio do mal em longa scisma immerso!
Já vaes ficando macilenta e gasta,
Tu que foste o melhor bordão do verso,
A agua lustral, a inspiração, o encanto
De um pomar, de um jardim, de um campo santo.

Tu que eras só cantigas e primores,
 Abençoado crysol de puras graças !
 E's hoje, Terra, um estendal de dores,
 Um deposito de odios e desgraças.
 Que fizeste, infeliz, dos teus amores,
 Dos velhos genios e das velhas raças
 Que monumentos épicos te alçaram,
 Quando te ouviram, quando te cantaram ?

Tantas e tantas glorias esquecidas,
 Tantos heróes perdidos na voragem !
 Mortos uns em refregas fraticidas,
 Outros, em iniqua e lobrega carnagem !
 E vós, piedosas arvores torcidas
 Pelos tufões, levou-vos a ramagem
 O raio, a chuva de arrastão no estio,
 Que em mar furioso torna o brando rio.

E vós, lagos tranquillos e sonóros,
 E vós chamma subtil que ardeis no aroma,
 Mais comburente que a dos meteóros,
 Que a audacia incita e, delirante, assoma
 Na arteria, aos estos, dilatando os póros,
 Tingindo os labios, incendendo a coma,
 Olhae, olhae, como de maguas presa,
 Vae cantando e carpindo a natureza.

A cor mais triste toma o roxo lyrio
 E o descontente goivo funerario.
 Os sinos tambem têm no seu martyrio
 Sua esponja de fel e seu Calvario.
 Está no templo vasquejando o cirio,
 Pia o mocho no velho campanario
 E emquanto tudo é treva e tudo luto,
 Eoleo canto embevecido escuto.

Resona o bronco mar nas brenhas frias...
 Como abrir mão do seu pesado lenho ?
 As esperanças foram-se com os dias !
 Estulta aspiração, insano empenho
 Ensinar ao granito as melodias
 Que neste peito meu retidas tenho.
 Como dizer ao mar: «Teu choro acalma,
 Procura, desgrenhado ancião, outr'alma.»

Como querer oppor barreiras, necio,
 Aos humanos destinos que não falham ?
 Deixa-te, homem, de ser caturra ou secio.
 Paz ás ondas e ás nuvens que se espalham
 Por estes orbes que cantou Lucrecio
 E que milhões de seres agasalham.
 O' loucos que qualquer phantasma aterra,
 Deixae em paz envelhecer a Terra.

Mais do que Newton viram Dante e Ariosto,
 Muito mais nessa esphera transcendente,
 Ao romper d'alva, ás horas do sol posto,
 Quando o Egregio Senhor omnipotente
 Mostra em tudo a sorrir seu claro rosto.
 Vede-o aqui neste insecto reluzente,
 Neste concerto que a floresta ensaia,
 Nesta concha, nesta onda, nesta praia.

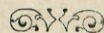
Que fazer desse ser, obscuro e triste,
 Do homem, senhor, do homem, tão pobre e inerme?
 Mudar de forma, eis tudo em que consiste
 A graça feminil de uma epiderme!
 Morta, porém, a seiva quem resiste
 Ao sol, ao vento, á neve, á noite, ao verme?
 Extincta a uzada e tábida argamassa
 Não ha Deus milagroso que a refaça.

Filha de um nobre e altiloquo elemento,
 Doce, candida, meiga, solitaria,
 Sendo a fonte de todo o sentimento
 E' a sua mais rica tributaria.
 Nos bosques fallas com piedoso accento,
 O' poesia — martyr voluntaria.
 Vamos, a estrada é lugubre e comprida,
 Ingreme a encosta, funebre a descida...

Muito ao longe uma luz me apparecendo
 Fallou-me assim: « Quem sou? lembras-te, poeta?
 A mesma que teus olhos conhecendo
 Tornou-se a sua Musa predilecta.
 Foram as brancas rosas murchecendo,
 Cahio no valle a borboleta inquieta;
 E o sol e a sombra e o vento e o rio e o monte,
 Já os não ouço quando chego á fonte.

Nascida em ledó berço, em ninho floreo,
 Ao pé de um rio, em frente a um alto cimo,
 Relampejando ao sol como um zimbório,
 Me fez, em breve, seu mais caro mimo.
 Oh! fragil mundo, oh! sitio expiatorio!
 Duraram mais da cobiçada Timo,
 Nas alfombras de Gádara odorantes
 Os divinos amores inconstantes.

Tantas urnas de sonhos em pedaços,
 Tantas! Quanto perfume desperdiçado
 Na fria immensidade dos espaços,
 Na tenue e alacre escuridão do prado,
 Quando chamavas musicaes meus passos
 E divino meu rosto enamorado!
 Dize-me, agora, em que funereo abrigo
 Meu bem amado, vaes dormir comigo?»





GRITO DA MANDRÁGORA

I

BEM sei quem és, bem sei. Raio de luz suspenso
De esbrazeado cariz — musica, aroma ou flamma,
Vaso augusto e siderio, onde amoroso incenso,
Feito da mesma fé, feito da mesma chamma,
Enche de um mago albor o velho templo immenso...

Velho templo, disseste-o. O inferno, sorvo a sorvo,
Hauriste, fero amor, em mim, soffregamente!
Havia cinza e enxofre em teu aspecto torvo,
O delirio de Oreste, a furia de um demente,
Em teu aspero tom, em teus grasnos de corvo.

As arvores de balde a sombra amena e doce
 Estendiam-me aos pés. Suffocava... morria!...
 Quem foi que a este logar, impiedoso, me trouxe?
 Abrazava-me a febre e Belzebuth se ria,
 Como se no seu throno ou no seu reino fosse.

Um lancinante grito abalou os espaços!
 Que terebrante ferro abria aquelle flanco,
 Torcia aquellas mãos, quebrava aquelles braços?!
 Quantas mortes, meu Deus! n'um só cabello branco?
 Quanto epitaphio escripto em nossos olhos baços!

E' que guardamos, eolea harpa dos nossos sonhos
 No hastila mesma flor, n'alma a mesma anciedade,
 — Paineis de Zurbaran, retábulos tristonhos,
 Um quieto extase amargo, uma vaga saudade,
 A um tempo, como vós, chorosos e risonhos!...

Por te haver illustrado os mimos e os encantos,
 Tudo o que em versos dar pôde uma alma abrazada:
 Sorrisos de Eloah embebidos em prantos,
 O orvalho matutino, a amphora derramada
 E' que te immortaliso em maviosos cantos.

Certo, foi triste o passo. Alto, porém, o brilho
 Dessa magua impoluta. Homem, que a vida levas
 A procurar, em vão, o imaginario trilho
 Do teu destino, ao céu clamas, — murado em trevas:
 « Apezar de ser barro, eu sou tambem teu filho! »

Dá-me que a leda aurora em festivaes carinhos
 Me erga a fé bruxuleante e que as aves em côro,
 Tão carinhosas, tão habituadas aos ninhos,
 Do largo plectro ouvindo o desusado choro
 Confunda o nosso amor com os outros passarinhos.

Que as aguas nos dêem agua, e não filtro maldicto!
 Que a planta nos dê flor, e os astros nos dêem lume;
 Que alguém nos diga: « Vem! » Que alguém nos ouça o grito.
 Todos os seres têm na vida o mesmo cume:
 — Homem, batracchio, insecto, oceano, aguia ou mosquito.

E' a turfeira, talvez, que dá o mais brilhante
 Hymno á gloria de Deus — o homem, o eterno louco!
 Tudo o que a sciencia induz — elle, rude e arrogante
 Vae em livros febris talhando, pouco a pouco,
 Com desvellos de pae e pulsos de gigante!

Burila, pinta, entalha, embute, abola, funde.
 Rasga a crypta, é um colosso, une a Terra ao Céu — bruto!
 Bruto, que o seu filão com o veio astral confunde
 Em sua larva absconsa, em seu metal corrupto:
 Que novo sol te aqueça e nova luz te inunde!

Foi ha seculos Dante ou Shakspeare ou Petrarca:
 — O atomo, a combustão, o eixo, a roda — o Trabalho.
 Enverga aqui, — a farda, — alli a saltimbarca;
 Toma e lança o espontão, suspende e abate o malho,
 — Pharol que egregio termo á humanidade marca.

Que pretendeis, então, apoiados a um sceptro,
Imbecis? — Póda infensa e damnosa a renovos,
Mais vilões que o vilão, mais espectraes que o espectro?
Quem vos zurzio fui eu — eu — o arauto dos povos!
Eu, que, como Hugo, rujo e soluço no plectro.

O homem foi sempre ou é feito da mesma argila.
(Nada de excepções para a justiça e a virtude!)
Qualquer que seja o ser guarda um sol na pupila.
Seja solerte ou banzo, affectuoso ou rude,
Em cada coração ha sempre um cão de fila.

A bondade é o genio. E' Phocion, é Lutherero,
E' Cervantes, é Tasso, é Camões, é Leopardi,
Cujo imponente disco, e cujo reverbéro
Desce com a aurora e sóbe ao descambar da tarde,
Como um protesto contra a realeza e o clero.

II

Já se chegou aqui a pôr em verso e rima
Gyrandrias, e mais isto: epyphetas e o lichen
Verde e o feto gentil, que o sol não desestima,
Para que Elles no Pindo, emfim, sabendo fiquem
Que a moeda de cá vale mais que a de cima.

E a critica? Parece uma boa senhora,
Para os que lhe dão trela e vão com ella á missa.
N'uma rua qualquer seu pavilhão arvora.
N'um longo e harto bocejo a diva se espreguiça...
Deus, porque ella sorri? Satan, porque ella chóra?

Põe de leve a aza exigua em cima de um soneto...
E, como a borboleta, haure-lhe o mel, sequiosa.
« Não ha calor, nem sal no segundo quartetto!
E a rima? Acho-a vulgar e um pouco duvidosa,
Nem é rima. E' um feio e esquálido esqueleto.

E a imagem? Que tolice! Um luar que só tem ossos
Para guardar n'um sacco... E a douda primavera
De avental e alcadefe! ... » O' critica, são vossos
Esses dizeres, são! Rugi p'ra ahí, ó fera,
Desatreiae o choito e açulae os molossos.

Impaes de odio, e a razão perdeis nesses torneios.
Aqui, bramis, alli, animaes, docemente,
Sem encontrardes, nunca, os preciosos veios
D'Arte. Eil-a, pois, em cima, emoldurando o Poente,
Na orla deste regato, em volta de teus seios,

No calor de teu colo, onde a minha loucura
Julgar pudera erguer seu palacio de inverno,
Minha escrava e senhora! Eil-a nessa tortura
De vinte annos, talvez, nessa lava do inferno
Que, remoçando a estrophe, o gesto desfigura!

Eil-a naquelle tenue e matinal sorriso ;
 Eil-a agora á janella a saudar as begonias,
 E do odorante lyrio o meigo e casto riso,
 Cantando como um deus ao frol das aguas ionias,
 Entre deusas, o poëan de um novo Paraíso !

Theophilo Gautier falla-nos desse aroma
 Delicioso e ideal do mussulmano rito,
 Mais singelo que o teu, rica e opulenta Roma.
 Como agrada á razão aspirar esse mytho,
 Amal-o sem peccado e soletrar-lhe o idioma !

No Tombaki cheiroso, ala-se a alma de Verdi.
 Segreda-se ! Que tem ? Espreita-nos as tumbas.
 A melodia parte o casulo e se perde
 Pelos vastos jardins e pelas catacumbas,
 Sob um céu tão azul e uma alfombra tão verde...

Mulheres de chibouks e narguilés ostentam
 Todo o vigor e toda a graça, ingenua e forte.
 E é com esse pizar e esse tom que alimentam
 Quem lá foi para o amor e o repouso da morte...
 Ah ! frageis somos nós e não os que se ausentam.

N'um cemiterio deve haver concertos, flôres
 E muita luz... Tornae-lhe as ruas sonorósas,
 Onde as aves tambem fallem de seus amores,
 E digam, a sorrir, ás dahlias voluptuosas :
 « E' mister dar á cova e ao berço as mesmas cores !... »

Deve haver agua e fresca e cantante e irrequieta,
 Dando ao que é triste um ar de alegria e conforto,
 Dê alegria pueril, dê alegria indiscreta.
 Pensar que o homem que desce a um tumulto está morto,
 E' ter, homens, de Deus uma idéa incompleta.

O de Rezende já não é tão triste, Sarah.
 Está n'um cimo e tão bem que, dir-se-hia, perto
 Ficar do céu. Ao longe a agua deslisa, clara,
 Polida, bôa... e qual o seu destino? — Incerto.
 Visto daquelle ponto é um bloco de Ferrára.

Busca-o o sol carinhoso, as aves não n'o temem.
 O proprio noctiluz tem outra côr, parece.
 Vae lá ter o sabiá, as cazuarinas fremem
 A' voz desse pastor. Não sei se é lóa ou prece,
 Ou madrigal ! Não sei o que essas cordas gemem...

O que é certo, porém, é que a noite é tão linda
 Do alto desse marmoreo outeiro, olente e casto,
 Que um artista qualquer que não goste ou prescinda
 Da natureza morta, acha alli o mais vasto
 Scenario, em que se vê que tudo é novo ainda.

Do universal poder apenas uma parte
 E' o que o homem conhece, o resto é nevoa e sombra...
 Homero é o ciume, é a lucta, é a labareda, é Marte.
 — Alento que nos perde, anthro que nos assombra,
 Que assombra aquelles que vivem de sonho e de arte.

Que orgulho o teu, cansado e exánime romeiro!...
 «Tudo é velho», disseste-o; e eu digo: «tudo é novo!»
 E's chic, és bacharel—insondavel nateiro
 De muita sciencia e juizo —a aureola de um povo,
 A gloria do seu naco, o sol do seu tinteiro.

E' um condor, é um prodigio, é tudo, em summa.
 Manancial sumptuoso e opiparo de lodo;
 O aro que cinge a estrella, o élo que prende a espuma!
 Tem saltos de panthera e melenas de doudo:
 Quer furar, por exemplo, o céu com uma verruma!

E cuida penetral-o, o pobre rei sinistro,
 O velho truanaz, que a origem mal disfarça!
 Imperador aqui, alli bobo ou ministro,
 Pisando o palco como o emulo de um comparsa,
 Ora, empunhando uma arma, ora, tangendo um sistro.

III

Com licença. Começa o carnaval dos loucos,
 —O grotesco entecido ás mais sublimes cousas!
 Quem n'ó póde entender, senhor meu? são bem poucos...
 Se elle espalha a granel, entre renques de lousas,
 Adargas e bureis, panoplias e barrocos!

Misero verme atado a um dogma obscuro e inutil!
 Toma as azas e torna ao teu luxuoso paço,
 Ao teu falso esplendor, Quintiliano futil,
 Cuja silhueta exhibo, amalgo, ageito e faço
 Scintillar como cousa estavel, nobre ou util.

E's, aqui, o rumor de uma antiga ballada,
 Uma nenia—Heloiza, uma egloga—Virginia.
 Alli, um viajor que adormeceu na estrada,
 Sansão alliando a força á uma graça apollinea,
 A' uma alegria triste, á uma expressão magoada!...

Fructo do coração, és, como elle, agridoce.
 E' tua sina amar e padecer, qu'importa?
 Quem te ergueu á amurada e a este Oceano te trouxe,
 Lagrima, quasi extincta, estrella, quasi morta,
 Tão boa, quanto má, tão cruel, quanto doce?

O' ermo, ó sombra, ó folha, ó valle, ó flor, ó ninhos,
 Ouvi-me, é talvez este o meu ultimo harpejo.
 Vinde ouvir-me tambem, ó ternos passarinhos,
 Vinde, que é só amor o que canto e festejo,
 Seja astro ou bruma ou deusa ou mulher ou espinhos.





VÔO INCERTO

DEUS a afastou dos campos matizados,
Deus que é tão bom, tão piedoso e justo.
Tornai, ó lindos olhos marejados,
Ao folgado bucolico dos prados,
Em que anda em sonhos seu formoso busto.

Não temas, Sarah! ha muito aroma ainda
Nessa queixosa bocca pequenina!
A branda voz da flor não é tão linda,
Como a da noite, merencoria e infinda,
Que á mesma dura rocha a amar ensina.

Vejo-te agora, pallida e tristonha.
 O olhar perdido em funerarias brumas.
 Já não és virgem, já não és risonha,
 E, antes que a lua surja e o sol se ponha,
 Antigas preces murmurar costumas.

Por mim previsto foi o desenlace,
 E ardua a existencia que nos esperava.
 Tinha medo que a vaga te encontrasse
 Sentada a um banco, demudada a face,
 Que uma lampada funebre aclarava.

Jardim das Flechas, tuas ruas frescas
 Entre tufos de cravos e de rosas,
 Quantas outras historias romanescas
 De sobre as tuas copas gigantescas
 Não contavas as auras venturosas !

Quantos, *Jardim das Flechas*, não passavam
 Pelos bicos silvestres de teus nubes !
 Ao longe, as ondas quérulas reboavam...
 E os teus caramanchões se desnastravam
 Em descantes, em zelos, em perfumes...

Naquelles sitios onde o sol se obumbra,
 Sobredoirando o cume das montanhas,
 Abril o orvalho sideral resumbrava ;
 Abril, que os loucos menestreis deslumbra
 Entre grupos de sylphides estranhas !.

Perde-se o éco das nossas phantasias ;
 Cantam as aves, salta a corsa arisca.
 Como os teus, estão velhos os meus dias,
 Como os teus, gaturamo, que tecias
 O ninho em glauca e rórída talisca,

Onde o ar é doce e o estio floreo e ameno ;
 Onde o pouco ou nenhum prazer que tenho
 N'elle sorvo, a sonhar, como um veneno,
 Entre as aguas e as sombras do terreno
 Que em dythirambo e églogas desenho.

Alguem tirou ao ledro passarinho
 O galho e a voz, — a voz contente e branda !
 Por que levas, festiva, a um outro ninho,
 Seu cubiçado e sensual carinho
 Que de novo a pedir meus versos anda ? !

Um grande reino fôra concedido
 Ao novo sol, do sol, talvez, oriundo,
 Eis senão quando, um passaro ferido,
 Só d'ella e do deus cego conhecido,
 Lhe cahe aos pés, tremulo e moribundo !

O' innocente e alegre companheiro,
 Viva e cantante chamma que o ar aquece,
 Seria acaso aquelle o derradeiro
 Adeus da tarde, o canto do sineiro,
 Que ao som da *Ave Maria* ás almas desce ?

O amor individual e egoista de *Sarah* transformar-se-ha no sentimento altruistico e humanitario da A CATHEDRAL.

Permitta Deus possamos levar a termo esse ideal litterario. Teremos assim realisado um dos nossos sonhos. Em todo caso, SARAH é um livro novo; não pede inspirações ao passado sinão para avivar imagens ou saturar-se no sentimento causado pela contemplação da natureza vista através dos vinte annos.

Não ha duvida, que a poesia floresce nessas ruinas. Celebra os seus funeraes, talvez assim se exprimissem P. Leroux.

Sem participar do delirio de Offman ou de Werner expande-se naturalmente e parece, ás vezes, attingir ao grandioso.

Sendo um producto da duvida e da dôr, o livro consegue collocar-se entre os representantes da sua época — As cordas do seu instrumento são vibradas pelas mãos invisiveis de archanjos desolados. E' um zodiaco de saudades esmaecidas este poema. E nem podia deixar de se-lo.

Em SARAH, como na A CATHEDRAL, nunca nos esqueceremos de que *a verdadeira poesia de nossa epoca é a que nos leva ao futuro, pintando os profundos soffrimentos do presente.*

Em os nossos trabalhos, julgue-os lá a critica como quizer, não ha convencionalismos, não ha ambições, não ha o desespero de conquistar os applausos inoportunos e

ephemeros. Goethe explicou que WERTHER era feito com a sua propria vida, com os seus amores, com as suas dores, com o seu sangue. Se *Sarah* não é um livro escripto com aquella especie de somnambulismo com que o fôra o WERTHER, ainda assim, a realidade passada veio até elle sob uma nevoa tão adalgçada que mais se nos afigura um sonho do que a mesma realidade prophetica.

A fé em Deus não nos desamparou, nunca. Si uma ou outra vez desferimos alguma setta hervada, foi devido exclusivamente ao estado d'alma em que nos achavamos.

Grande parte de *Sarah* foi escripta nas prisões. O seu auctor estava ameaçado de ser fuzilado. Era esse o destino que pretendiam reservar-lhe homens allucinados pelo fulgor desultorio da victoria, ou antes, depois da nova aquisição do poder e da installação franca da dictadura.

Anima o livro, apesar de tudo, a serenidade dos sentimentos que o inspiraram, principalmente a pureza do culto fervoroso devotado á uma mulher superior.

Oscillando entre a certesa e a duvida, a nossa inspiração adquiriu, factio singular! mais força, mais energia e mais confiança no seu destino. Não querendo que essas memorias se apagassem de todo, reanimol-as em um rythmo apurado. Reflectindo como um espelho as imagens do passado, preparam pela sua

Quem te ferio o peito, amante e casto ?
 Quem te quebrou as niveas azas pandas ?
 Quem, avesinha, de mavioso rasto,
 De vôo alacre e de destino infasto,
 Te arrastou a gemer para outras bandas ?

Seria acaso a agua que me trouxeste,
 O fructo enganador, o ar abrazado,
 O loiro mel a coar de espatha agreste,
 A fria nevoa, a irradiação celeste,
 A lareira, o fogão, a messe, o arado ?

Oh ! **caprichos dos deuses** inconstantes !
 O' quebros da doçaina e da viola !
 Vinde de novo aos bosques susurrantes,
 Vinde embalar o somno aos dous amantes,
 Pois o que vem de amor amor consola.

Nasceste aqui, aqui te vejo morta,
 Ave ! As tuas irmãs já não te acordam !
 Márcida luz silente o céu recorta...
 O' alvor matinal que nos conforta,
 Oh ! pensamentos que esta praia bordam,

Descei e embalsamai estes caminhos,
 Cheios de raras, marchetadas plantas !
 As arvores vergadas pelos ninhos
 Não sabem que fazer dos passarinhos
 Que tu, ó poeta, com teu plectro encantas !

Bondosas umas, dão-lhes pasto e sombra.
 Outras : « Vamos, de pé, o sol vem perto. »
 Outra, mais feia, e dura, á noite, assombra
 A avesinha, coitada ! a cuja alfombra
 Vai medrosa pedir um poiso incerto.

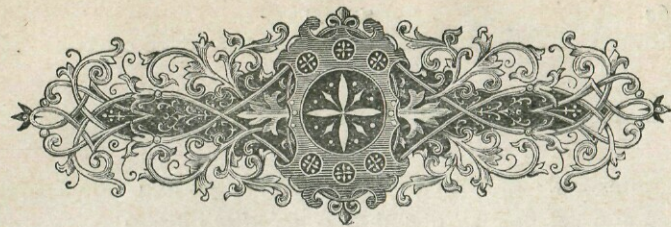
Vinde ; é **toda agazalho** esta casinha.
 Cantai ! Cantai ! ó **ledas companheiras** !
 E' mesmo um nectar o licor **da vinha** :
 Pois sendo vossa a casa é tambem minha,
 Com seus lagos e suas cachoeiras.

Ao pôr do sol, eil-as de bico farto,
 Tornando ao doce e tépido aposento ;
 Ha agua e fresca e muita em cada quarto,
 No verde ramo ou tronco lúrido e harto,
 Que range e zune, farfalhando ao vento.

Descansas, merencoria ave erradia ...
 Em leito esconso e plácido repousas
 Ao pé desta palmeira, airosa e esguia...
 Em tudo e em todos que melancolia ?
 Como anda triste o luar por sobre as lousas !...

Estavas ainda em plena adolescencia !
 Teu virginal e claro pensamento,
 Triste no fundo e alegre na apparencia,
 Dava um tom singular á esta existencia,
 E ao mesmo gozo annos de desalento !

Como velhos e pallidos ficamos
 Se alguma dor cruel nos dilacera!
 No peito as proprias unhas enterramos;
 E ao cabo da jornada que encontramos?
 Que encontramos, Senhor, á nossa espera?



PASSEIO DA TERRA

TUDO é unidade, tudo é grandeza no espaço,
 — Um concerto admiravel!
 Da obra infinita o ingente e facultoso paço,
 — O rio arguto e rôfo, a aurora incomparavel,
 O tronco duro e secco, o fio d'agua escasso,
 São para o poeta e o sabio um bloco impenetravel.

A machina do mundo, a solidariedade
 Dos anthros constellados,
 Não guarda o mesmo albor, não tem a mesma idade.
 Mas as constellações de seios abrazados,
 De que vivem senão dessa fraternidade
 Dos restos desses sóes no vacuo soterrados?

Um diaphragma e um pulmão para todo o infinito !
 Ouve-se em cima o cavo
 Resomnar de milhões de orbes. Velho precito
 Sente o sol que se obumbra o primitivo travo
 Na babugem do mar, na crosta do granito,
 No thalamo real, na pocilga do escravo !

A cadencia estellar conserva as mesmas notas,
 A mesma urna inflammada.
 E o divino rumor das orbitas remotas
 Foi a Terra aprender no alto daquella achada,
 Indo por andurriaes e paragens ignotas
 Com o traje em desalinho e a coma desnastrada.

Como o alto cedro sae da semente bemdita
 Um astro sae de outro astro,
 E percorre a luzir a abobada infinita
 Com os fulvos gorotis a estralejar no mastro.
 Aquí, o vento impelle a não que periclyta ;
 Allí, Venus desnuda o collo de alabastro.

A assombrosa attracção nega o repouso e o somno
 Aos pélagos profundos.
 Alguem que tudo vê do espaldar de seu throno,
 Dando alma ás solidões e aza aos vermes immundos,
 Agazalha e protege o homem, como um colono
 Que vae depois de morto explorar novos mundos !

De apparatuso tyro e pedras preciosas
 Ornou um dia a Terra:
 Perfumou-lhe a epiderme e as tranças luxuriosas.
 A' fonte deu mais agua, ao valle deu mais serra,
 E fez gemer o mar nas vagas salitrosas
 A inexoravel dor que o peito humano encerra.

Não se apagam do genio as memorias augustas,
 Não morre no ar a chamma.
 Lobo feroz de balde o cordeirinho assustas !
 Pois o teu rude — Não ! a eterna fé proclama.
 O seu poder é immenso, as suas leis são justas:
 Aquí arruga, allí despréga, além recama.

Refulgem, de repente, os seus signos obscuros
 No ar, no polen, no orvalho.
 Destróe a traça a idéa, o lichen cobre os muros ;
 Deforma a phyloxera os parreirae maduros ;
 A ferrugem voraz a picareta e o malho ;
 A lingua o ferro em braza, a orgia os labios puros !

Deus dá a tudo um raio, a tudo uma alma prende,
 Como ao aro o diamante.
 Um vivo e claro lume em cada olhar accende...
 Sorri, se vê passar a perola inconstante
 Que aos desejos do sol amoroso se rende
 Sobre o dorso da vaga esmaltada e arquejante...

As Ménades dansando, os faunos de alcatéa,
 A bocca, o riso, o momo ;
 O marzuco ou o truão que faz rir a platéa ;
 A membrana que envolve o doce cardamomo ;
 Tudo o que encanta e atrae a prófuga napéa
 Tem na arte excelsa a lâ, o fogo, o zimbros, o domo.

Que barulho e que festa ! O sol do Eleuzes orna
 Tudo de ethereas cores !
 E' o PIMANDER, é o deus que o oleo sagrado entorna
 Na aza dos Seraphins, nas plumas multicôres
 Com que a Terra, ao partir, para outros céos se adorna
 Com o esmeraldino manto, a transbordar de flores...

Satisfeita, sorri. Tremula, embevecida,
 Não para nunca, segue...
 Acha esplendida a altura, acha bôa a subida.
 Se não pesam, qué tem que as montanhas carregue ;
 Que perca o seu tear, que perca a propria vida ?
 Que tem o pó que o amor a envolva, a exite, a cegue ?

A mão da Natureza, impaciente, cava
 Grandes sulcos no espaço.
 Sirio, acôde, radiosa, Hercules toma a aljava,
 Corre apressada, espreita e lança ao Touro o laço.
 E, depois, sobre o Cysne os igneos olhos crava...
 Quem lhe arruinou a messe e ora lhe embarga o passo ?

Alvorçada a Terra, ao atrio egregio assoma !
 Que tumulos sumptuosos !
 « Isto aqui é melhor e maior do que Roma ! »
 A agua, ridente, aborda os campos deleitosos !...
 Com que amor cada sol cultiva o seu idioma,
 E honra-o nas libações aos seus heróes famosos !

Como sou fraca e vil ! murmurou tristemente
 A aguia orgulhosa e altiva !
 Tudo galhofa e ri da minha aza impotente,
 Do meu vão esplendor, da irrisoria invectiva,
 Com que, bláspHEMA, sujo o solio omnipotente
 Se o cariz da manhã do seu albor me priva.

Um olho do Dragão vale mais do que eu valho,
 Eu, o misero argueiro,
 Eu, que andava ao linhal, eu, que batia o malho,
 Nunca fui senão isto: — um lavrador grosseiro,
 Um ogre, um aleijão de cabelo grisalho
 Que ia as almas ségando e pondo-as num celeiro.

Hoje é que vejo e ápalpo o átomo, a omnipotencia
 Que o limbo astral tempera.
 Dobra a cerviz o sabio, em vão perscruta a sciencia.
 Se aqui o frio é muito é subir á outra esphera,
 E' passar a estação naquella outra eminencia,
 Onde a vida é mais sã e mais quente a atmosphera !

A FILHA DE CASSIOPÉA

II

« Albumazar! » Alguem de cima clama. « Temes,
 Porventura, o meu disco?!
 Faz-te mal meu olhar, meu nimbo? Porque tremes,
 Albumazar! A mim chegou-se o corvo arisco:
 Vieram beijar-me o manto as velas das triremes,
 A pedra do altar-mór, a agulha do obelisco.

Sou de Cassiopéa a filha bem amada,
 A diva mensageira.
 Quantos astros não vão na rutilante estrada
 Lançar-me aos pés o escudo e a adarga aventureira?
 Sou no espaço infinito e na orbita estrellada
 Uma serva também, mas sem picote ou ceira.

Arreíam-lhes o porte as vestes mais brilhantes;
 Guirlandam-lhes a testa,
 Rosas, ainda em botão, em laços roçagantes
 Como um epithalamio ou dádiva celeste,
 Feitos para enleiar dous corações amantes
 Ao começar do sonho e ao terminar da festa,

Como vês, tudo aqui tem mais pompa e nobreza:
 A aza do escaravelho
 E' maior, bem maior do que tu que andas presa
 Ao arbitrio de um Deus folião e esfervelho!
 Cuidas que o firmamento, achas que a natureza,
 Que o verdadeiro, Deus, só estão no Evangelho?!

Cuidas vir, entre nós de Gomorrha — a impudica
 Glorificar o enxurro;
 Ou a ode alçar a Baccho, ou o véo esguer á rica
 Tibur? Torna ao teu fundo e rebalsado esturro
 Que o Apostolo condemna e o Satyro deifica,
 Anjo — com olhos de stryge, aguia — com pés de burro!

E's uma atra, tortuosa e humida albergaria
 Terra, esquecida e baixa!
 Desces como um galé á masmorra sombria,
 Que o tempo e o vendaval bramante esvurma e racha.
 Porque, tolhida e só, vás sem cajado ou guia
 Sobreexaltando o algoz que te sachola e sacha?

Sóbe a infesta abrazada, abraça o escudo torvo,
 Manda accender o archote,
 Goulo, gordo e lambaz, cujas azas de corvo
 Te envolvem como um longo e sórdido capote.
 Aborda o azul, é só amiudar o trote,
 E, em lá chegando, zás! é tragal-o de um sorvo! »

RESPOSTA DA TERRA

III

« Caminha! — respondeu a Terra. » O braço de Horus

Sustem-me neste abysmo.

Deus deu á Creação ouvidos para os córos,
Bronze para os heróes, agua para o baptismo.
E quando o pincel trouxe os bulcões e os meteoros,
A tela escabujou n'um longo paroxismo!

O que teus olhos vêm alapado em cafunas.

O que a marcha te apressa,

E vôa ás saturnaes, e, em coréas nocturnas,
Córta a amplidão serena e o arreo fóco atravessa,
Todo o páramo azul ronda em maltas soturnas!
Ah! tudo a sazonar e a florescer começa!

Buscam as virações, Eros, os teus affectos

Partem, folgando e rindo.

Param, banham-se, além... já longe dos insectos,
Nos lagos sideraes e múrmuros do Pindo,
Onde os gnomos subtis os genios irrequietos
Dão mais rumor e brilho ao paraizo infindo.

No oiro fôsko da tarde a cortina cerulea

Abre-se, ondula e esplende!...

Quem quer que seja, observa, ergue-a com mão herculea!
Que perfume ideal dessas noites rescende!...
Sóbe melhor o incenso, arde melhor a dhulia
Que pelo obscuro templo espiritual se estende...

Pela vasta amplidão, á noite, a rêde lança:

Irradium os astros...

Em refulgente tóro a cabeça descansa...
Desmancham-se-lhe aos pés os radiosos nastro...
Sulcam constellações a onda dormente e mansa,
— Faustosas náos furando o céo com a prôa e os mastros.

Calmas, haurindo o flavo effluvio, as manhãs ledas,

A graça campezina

E a coifa arremedando, entram as alamedas
Que vão ter a chilrar a uma extensa campina,
Onde a lymphá está só, entre taliscas quedas,
E onde o esco e aspero tronco o grosso talhe empina...

E's maior do que eu, sim, tua planura é vasta.

São cadentes teus cumes.

E's boa, és rica, és bella, és seductora, és casta...
Emquanto, que sei eu? Carrego estes negrumes
E os arvícolas e o ar — que a treva e a morte arrasta,
Com todos os seus djins e todos os seus numes!

Sou a filha bastarda, inhospita e refece,
 Sou o turbilhão e a morte,
 Que ao pé de uma arribana em ruínas adormece.
 Sou do bravo oceano o muro e o contraforte.
 Quem ouviu meu clamor e acolheu minha prece,
 E assim me expoz, sem dó, aos temporaes da sorte?!

Sou Endor, sou Balbec, a tripode e o sacrario,
 O soldado e o proscripto.
 Fui eu que com Jesus subi o Horto e o Calvario,
 Que sangrei minhas mãos, que recalquei meu grito!
 Fui eu — reptil immundo — o rei e o caudatario,
 O peccado e o perdão, o propheta e o interdicto!

Fui eu — o Trimegistro — o Hermes omnipotente
 Que viu do A'ttrida, á noite, o alfange reluzente,
 Nú, relampadejar no peito agonisante
 Do rei, impio e cruel, que a lenda incongruente
 Enalteceu e alçou na pyra fumegante!

Fui o rochedo Gour, o campo de Galgala,
 O flagello, o deserto.
 Rubro e rápido o raio o velho Savo abala!...
 Aqui, de briguigões, de musgo e ostras coberto
 Meu seio um convulsivo e triste adeus exhala,
 Plangendo como Progne o seu fadario incerto,

Meu incenso, porém, não queimou só nas choças,
 Não ardeu só nas praças,
 E as espheras que, agora, insolente, alvoraças,
 Não dão, como bem vês, ouvidos a chalaças,
 Nem applaudem tão pouco as descabidas troças
 Que, insólita e folgaz, em epigrammas traças.

Bem sei que levantei e destrui cidades,
 Que andei sulcando os mares.
 Se não fui sempre a mesma em todas as idades,
 Porque arrasei e ergui Pompeias aos milhares,
 Acaudilhei vulcões, ventos e tempestades,
 E, feroz, persegui os deuses e os altares,

Tambem do amor preguei o culto e, ao lado estive
 Do proscripto e do pobre.
 Da soberba ambição as incursões contive.
 Preconisa, insensata, a tua estirpe nobre.
 O sol, que no ar, na flôr, no álveo e no musgo vive
 Sabe como teceu o manto que me cobre.

Entrelacei a luz ao redolente calix,
 E, amorosa tornei-a.
 Fil-a sorrir no ramo e cachinar nos valles;
 Fil-a doirar a bractea, a aresta, o fio, a teia,
 O velho Corbo nú e os alterosos Alpes,
 Que a lua beija e affaga esplendorosa e cheia,..

Da incauta e deleitosa união de Clio e Apollo

Nasci excelso vate.

Ajudo aos aldeãos a cultivar o solo.

Sou grande no perdão, sou brava no combate,

Se me ferem demais, tudo devasto e assolado,

Após vertiginoso e estrupidante embate.

O negro Eschmiadzin meu genio augusto ensombra,

Meu buril sangra e grita;

As cúspides assalta, o Cruack lívido assombra.

Quem estes paços entra, orgulhoso, acredita

Que o que medra lá fóra é tojo, é bolha, é sombra,

Que a aragem matinal funebremente agita.

Filha de um camponez, mas valente e guerreira,

Fui dada em holocausto.

Quem, como eu, valerosa, investiu a trincheira?

Quem, como eu, desprezou a pompa, o luxo, o fausto?

Quem, como eu, subjugou a grey vil e altaneira

Sobre um céu. frio e máo, sobre um chão treso e infausto?

O genio de Wittenberg não tem, como João, uma ilha,

Wartbourg é um protesto,

E' o rastilho, é a fagulha, é a propaganda, é a pilha

Electrica! Eu, então, açulo-o contra o incesto,

Contra o canon que alue, contra o alfange que brilha,

E ás insidias da bulla oponho o seu aresto.

Na modesta Capreso entreteci de rosas

Um berço pequenino,

E osculei-lhe, sorrindo, as rendas olorosas.

« Toma. » E dei a provar o alvéolo florentino

A' creança gazil, de feições caprichosas,

Toda a desabrochar n'uns olhos de rabino.

Um dia, eis-me a sulcar o Oceano, grosso e cavo,

Eis-me de velas soltas.

Fito a bruma inconstante, alem... do leme travo.

Em neptunaleos véos ainda estão envoltas

As Nereidas, que dispo, as Nereidas, que lavo,

Ao romper da manhã, sobre vagas revoltas...

Em Lepanto, em Madrid, vi Miguel de Cervantes:

Achei-o lindo e guapo.

Distinguir-se e muito em pelejas brilhantes.

Em vez de um manto real lançou-lhe a Hespanha um trapo.

Lustrou mares sem fim, correu terras distantes,

E deu luzes a um louco, e maximas a um sapo!

Mas, incende-se agora a retina. Quem passa?

Quem governa este imperio?

Quem com o dedo na sombra outros arcanos traça?

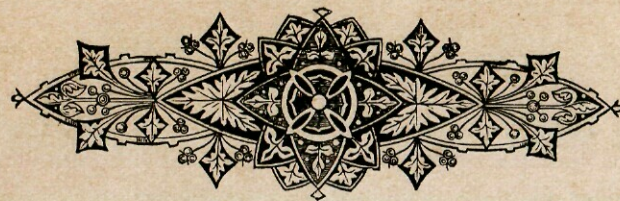
Quem a outros mundos leva o espirito sidereo,

O rutilante enxerto, a luminosa massa,

A vida, a eternidade, o sonho vago e ethereo?...

Shakspeare — a irradiação, o berço, a sanie, a cova,
 O oceano, o amor, o crime,
 O astro que se refaz, a dôr que se renova,
 O humus exacerbado, a espuma, o germe, o vime;
 O que irrompe do solo, o que a pedra desova,
 Quando o esculptor a inflamma e pallido a comprime!

O azul desse horizonte immenso se constella.
 Visto de perto attrae, visto de longe aterra!
 Mas quem deu rôta e chamma á peregrina estrella?
 Quem a fez ir cantar lá no tope da serra?
 Quem a elevou tão alto e t'a mostrou tão bella?
 Fui eu — irmã — a Terra!



CREPUSCULARIOS

I

Agora... uma caricia, agora, um sonho, um debil
 Fremito,— uma tristeza, além... nêmore e flebil;
 Um desejo de amar, de ir ao céo, perlustrando
 O azul, que está sorrindo, os sóes, que estão brilhando.
 E vel-a em tudo o que é côr, melodia, aroma,
 Em tudo quanto espreita, inquire, falla e agomma:
 Vel-a sim, a sorrir n'uma folha de acantho;
 Princeza, sobraçando o magestoso manto,
 Que lhe dá uma esbelta e soberba apparencia,

Mais imperio ao olhar, mais viço á adolescencia...
 Pelos bosques em flor sobem já em cardumes
 Cantigas auroraes em ondas de perfumes...
 E o teu nome, querida— alma pura d'est'alma,
 Meu degredo povôa e minha dor acalma.
 Oh! a terra deu tudo a todos, mas os poetas,
 Tornou, que crueldade! o alvo das suas settas!
 Que é que ella fez de ti, Sarah, de nosso sonho?
 — Uma estação de inverno, um povoado tristonho!...
 Por que nos não deu agua, em vez de fel amargo?
 O' sol piedoso, espanca esse longo lethargo;
 Volve ao mundo de novo e o nosso amor festeja.
 Está fechado o templo onde o reptil rasteja,
 E a agoirenta coruja encafurnada pia...
 Nas torres, em janeiro, estala a ventania,
 Que ao rio a coma encrespa e os rijos troncos vérga!...
 Escuridão, sem par! nem um astro se enxérga
 Longe, a tremeluzir na cúpula, distante...
 Não fuja que é matar a aléa sussurrante,
 A encosta que vai ter ao verde campo, onde arde
 Na pyra do occidente o áloes puro da tarde...
 Reproduz o regato o que fallámos hontem...
 E' mister que, de novo, as estrellas repontem,
 Que em ledos bandos vão aos campos reffloridos,
 A's chapadas sem fogo, aos templos esquecidos...
 Sim, que o mortal espinho arrancado do peito
 Que, afflicto, me fazia abandonar o leito,
 Vá sangrar n'outro seio e abrolhar n'outro solo,
 Na nesga de outro val, no calor de outro colo.
 Para longe esta tréva, esta ancia, esta tormenta

Que me escurece a vista e no meu lar se assenta.
 Para longe... Ah! vêm os colibris sequiosos,
 As virações gazis, os beijos amorosos,
 O arrulho, o talisman, o epithalamio, o nardo
 Cheiroso, a linda clicia, o rio brando e tardo
 Que a musical fragrança espalha pelos valles.
 Como o nectar colore o crystallino calix!...
 Imprecatada aldean, tráz uma sebe, indaga
 O que quer ou o que vai fazer aquella vaga
 Para as bandas do Poente?... — E' que as vagas, como o homem,
 Como o sol, como tudo, em seus Poentes se somem.
 Ella tem, como nós, a sua juventude,
 Os seus dias de gala, o seu triste ataúde.
 A velhice quer prece e agasalho e repouso,
 Um canto solitario, um fogo carinhoso.
 Que a deixem desfructar mais um pouco a existencia,
 A vida que se parte, a intima convivencia
 Dos objectos que amou, ha mais de quarenta annos,
 Tentando adivinhar todos os seus arcanos!
 Torna, ó sol, á lareira, ás casuarinas frias,
 Mata-me ou restitue-me os meus antigos dias...

II

Em teu rosto paschal a esperança fulgura.
 O Senhor quer que vás á toda a creatura,
 Prêgar a religião, levar a sua benção...
 Que é que esta vaga aspira e aquellas nuvens pensam?
 Que é que a brisa deixou naquelle calix de ouro